

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO – FAAC

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

RELAÇÕES PÚBLICAS

FELIPE FAUSTINO MORATTO

**“DESAQUENDA” PORTAL VIRTUAL PARA A VISIBILIDADE E
REPRESENTATIVIDADE DO EMPREENDEDORISMO E DA ECONOMIA
CRIATIVA DRAG QUEEN**

BAURU

2019

FELIPE FAUSTINO MORATTO

**“DESAQUENDA” PORTAL VIRTUAL PARA A VISIBILIDADE E
REPRESENTATIVIDADE DA ECONOMIA CRIATIVA DRAG QUEEN**

Relatório final do Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Relações Públicas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/ Bauru, para a obtenção do grau de bacharel em Relações Públicas.

Orientação: Profa. Dra. Maria Eugênia Porém

BAURU

2019

FELIPE FAUSTINO MORATTO

**“DESAQUENDA” PORTAL VIRTUAL PARA A VISIBILIDADE E
REPRESENTATIVIDADE DA ECONOMIA CRIATIVA DRAG QUEEN**

Relatório final do Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Relações Públicas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/ Bauru, para a obtenção do grau de bacharel em Relações Públicas.

Orientação: Profa. Dra. Maria Eugênia Porém

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Maria Eugênia Porém
Orientadora

Prof^o Dr^a Patrícia Xavier

Prof^a M.^a Mariany Schievano Granato

BAURU

2019

Para as queens. Vocês estão no caminho certo.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora Maria Eugênia Porém por aceitar este desafio, acreditar no potencial desta temática dentro do curso de Relações Públicas, por me apoiar nos momentos difíceis em que pensei em desistir e também pelas cobranças que me fizeram pensar naquilo que me fez chegar até aqui. Mas, principalmente por ser a minha amiga. Tenho muita admiração por você e pela sua trajetória, obrigado por acreditar em seus alunos e enxergar a nossa realidade em que as minorias precisam ser ouvidas, mais do que nunca. Você é uma mulher incrível!

Agradeço também a outra mulher incrível que compõe a banca. Mariany, desde a primeira vez que estive em uma sala de aula com você pude ver como seria importante na minha trajetória, não apenas por acreditar em mim mais do que eu mesmo, mas por criar em mim uma força para ser mais, pensar além dos muros que colocaram para mim. Te admiro como profissional, como professora, como mulher e como amiga, obrigado pelo seu apoio constante.

Agradeço ao professor Juarez por aceitar contribuir em minha banca com todo o seu conhecimento que é primordial para analisarmos aplicabilidade do produto no meio social. O seu trabalho pude acompanhar de longe nestes quatro anos e só posso te agradecer pelo esforço em fazer da Unesp um lugar justo e de acordo com a nossa realidade política e social. A sua presença é extremamente necessária.

A minha família que acompanhou de perto o processo e não deixou em nenhum momento de depositar, de qualquer forma possível, confiança e boas energias neste trabalho. Amo vocês, mais do que qualquer coisa, obrigado por me acompanharem em minhas caminhadas e por nunca deixarem eu me sentir estranho por ser diferente.

Aos meus amigos: Lígia, Joana, Thaís, Rodrigo, Bruna, Natália e Barbara. Por me acompanharem nestes quatro anos e, claro, por todo apoio em minhas escolhas. Não sei o que será de Bauru sem vocês.

E claro, a minha drag queen, Lolla Vaiola, que neste último ano me trouxe todo conhecimento e sensibilidade para realizar este trabalho. Obrigado por me ajudar a chegar até aqui e ver aquela “luz no fim do túnel”.

RESUMO

A realidade da comunidade LGBTQ+ de exclusão social e violência estrutural desde a família até o ambiente educacional e organizacional, torna dados de homofobia, evasão escolar e desemprego, por exemplo, comuns para esta população, o que impede a sua formação cidadã. De modo que, o mercado formal de trabalho que é estruturado com base na necessidade de uma escolaridade, não enxerga este grupo ocasionando índices como: 90% da população transexual e travesti se encontrar em uma realidade de prostituição e 61% dos empregados LGBTQ+ ocultarem a sua identidade de gênero ou orientação sexual para assim evitar o preconceito nas organizações. Assim, uma busca por maneiras de adentrar o mercado formal, nos leva a realidade das drag queens. Artistas que durante a história do mundo saem dos teatros e se tornam sinônimos da vida noturna com atividades que vão da dança ao canto. Personagens da noite, as drags configuram um modelo de empreendedorismo e de economia criativa que além de gerar uma renda, movimenta um mercado específico que cresce nos últimos anos. Contudo são apresentadas dificuldades da atuação, segundo a análise bibliográfica referente ao assunto e uma pesquisa desestruturada aplicada com drag queens do interior de São Paulo. Limitações que vão do preço dos recursos até a dificuldade de profissionalização, mas que acima de tudo é uma das expressões dos vários silenciamentos pelos quais estas artistas vivem no seu dia a dia empreendedor. Assim, acredita-se que um portal virtual que possibilite o contato entre estas artistas e a sociedade com diversos quesitos de relacionamento, troca de conhecimento e potencialização desta economia, possa criar uma atmosfera a favor das drag queens.

Palavras-chave: Drag Queen; empreendedorismo; economia criativa; LGBTQ+; portal virtual.

ABSTRACT

The reality of the LGBT + community social exclusion and structural violence from the family to the educational and organizational environment, makes the data of homophobia, dropout and unemployment, for example, common for this population, or that hinder their citizen formation. Thus, the formal labor market, which is structured based on the need for schooling, does not see this group occasionally, with rates such as: 90% of the transgender and transvestite population, a reality of prostitution and 61% of LGBT users. + hide your gender identity or sexual orientation to avoid or prejudice in organizations. Thus, a search for ways to find a formal market leads to the reality of drag queens. Artists who in the history of the world come out of theaters and become synonymous with nightlife with activities ranging from dance to singing. Characters of the night, as the model of entrepreneurship and creative economy that generates income drags, moves a specific market that grows in recent years. However, they are difficult to perform, according to a bibliographical analysis of the subject and a unstructured research applied with queens in the interior of São Paulo. Limitations like the price of resources and the difficulty of professionalization, but above all is an expression of the various silences that these artists experience in their entrepreneurial daily life. Thus, it is believed that a virtual portal that allows the contact between these artists and a society with various subjects of relationship, knowledge exchange and potentialization of this economy, can create an atmosphere in favor of drag queens.

Key words: Creative economy; Drag Queen; entrepreneurship LGBT+; preconception; virtual portal.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. DRAG HISTORY	11
3. DRAG QUEEN É SEXUALIDADE OU GÊNERO?	23
4. A VIDA DE CACHÊ E O MERCADO DE TRABALHO.....	29
5. O PRODUTO – PORTAL DESAQUENDA	46
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

O contexto atual define um conceito de cidadania com cor de pele, gênero, e orientação sexual específicos, de modo que grupos sociais como a comunidade LGBT+ se distanciem de instituições sociais como a escola e as organizações. O fato de 61% dos empregados LGBT+ ocultarem as suas orientações sexuais ou identidades de gênero com o intuito de evitar situações de rejeição, exclusão e discriminação (BELLONI, 2016 apud GONÇALVES; CABRAL; SALHANI, 2018) ou 90% das mulheres transexuais e travestis se encontram na prostituição (TEIXEIRA; PORÉM, 2019), demonstra que a realidade da profissão formalizada para esta população é algo a distante ou com constantes limitações.

A noção do empreendedorismo como uma “luz no fim do túnel” para este grupo é um fato, o que os configura como refugiados (CHIAVENATO, 2007) que procuram no fenômeno empreendedor uma forma de participarem do mercado e, assim, gerar renda. Neste ponto, se encontra uma tendência dentro do movimento que é a economia criativa que utiliza como principal recurso a criatividade e tecnologia na criação de um novo meio de obtenção de lucro que vai do artesanato à moda e corresponde a 7% do PIB mundial (MIGUEZ, 2007).

Uma atividade criativa que existe no meio social da comunidade LGBT+ é a arte drag queen, na qual qualquer pessoa pode criar uma personagem e atuar artisticamente. Uma arte que nasceu na Grécia Antiga, se transformou em apresentações em casas noturnas marginalizadas socialmente e nos últimos anos inicia um processo popularização que não impede uma realidade como cachês baixos, alto investimento, monopolização de trabalhos, comparação com travestis e transexuais, que tornam a atuação da drag queen não profissional, de uma perspectiva da sociedade, mesmo com os conhecimentos quanto a arte, autogestão e comunicação.

Neste contexto, é possível enxergar um potencial criativo de atuação das drag queens, mas uma dificuldade em se consolidar como uma profissão e deixar as casas noturnas.

Assim, os objetivos deste projeto são: (I) analisar a história da arte drag queen e o contexto que limitou a atuação da artista; (II) possibilitar a compreensão da atuação da arte; (III) definir a arte como uma potencial economia criativa; (IV) analisar o mercado drag queen e o posicionamento de algumas artistas sobre as dificuldades enfrentadas; (V)

desenvolver um portal que potencialize a atividade da drag queen como uma economia criativa.

2. DRAG HISTORY

Drag Queen é um termo utilizado para identificar um movimento artístico que tem origem histórica na Grécia Antiga. Em peças de teatro as mulheres não tinham o direito de interpretar, devido ao contexto social de submissão das mulheres. O que limitava aos homens a encenação de figuras femininas com acessórios, roupas e o princípio da maquiagem (Figura 1), sem qualquer relação com a orientação sexual ou identidade de gênero destes atores (CABRAL; JULIÃO, 2019; AMANAJÁS, 2015, apud VIEIRA, BRAGA, MOLINA, 2019). Ailim Cabral e Marina Julião (2019) reforçam em um artigo sobre o cenário drag, em uma perspectiva atual, que o papel de uma drag queen é uma expressão artística que procura gerar uma reflexão quanto ao papel do homem e da mulher, uma oportunidade de compreensão de si próprio que se manteve na história do mundo.

Figura 1: Exemplos de Drag Queens em peças teatrais.



Fonte: Cadê Meu Whisky, 2018

Igor Amanajás (2015) em seu estudo histórico sobre as artistas transformistas apresenta que a Drag Queen, ainda não recebendo este nome, participava inclusive de peças teatrais em igrejas, sempre com um olhar cômico para a figura da mulher que por motivos sociopolíticos era impedida de participar destas atividades. Além do fato de, segundo o autor, muitas atrizes não possuírem conhecimentos para a leitura dos textos com falas, devido ao analfabetismo feminino com altos índices na época. Segundo o autor, existiam também as tradições japonesas que utilizavam de artistas transformistas - nome atribuído às drag queens em outros momentos históricos - como o teatro Kabuki (Figura 2) com a exaltação da figura feminina por meio das coreografias (AMANAJÁS, 2015).

Figura 2: Caracterização do teatro Kabuki.



Fonte: Caçadores de Lendas, 2013

A figura da mulher neste cenário era considerada apenas uma “diversão” para os homens. Igor Imanajás (2015) ainda considera que conforme a mulher foi se configurando com um papel social mais ativo, devido às lutas feministas, a personagem transformista foi se tornando cada vez menos interessante para a massa e o mercado do entretenimento, se dedicando a esta arte, em sua maioria, apenas as pessoas que realmente se identificavam com ela.

A baixa visibilidade da Drag Queen pode ser atribuída a sua relação com uma pessoa queer (transgênero, transexual, homossexual, ou seja, alguma identidade de gênero ou orientação sexual considerada fora do padrão social) que se identificava com a arte por representar esta fuga do que é considerado “comum”, o que é apresentado por Anna Paula Vencato (2005) em sua pesquisa quanto a desmistificação da Drag Queen no meio social por meio de uma visão antropológica. Não podemos esquecer que antes disso era um homem que por ser o único ator social hábil ao papel feminino, interpreta uma mulher em uma peça de teatro.

Estar ligada à pessoa queer pode ser relacionada ao fato da arte Drag Queen ocorrer nos guetos e locais noturnos frequentados pelo público LGBT¹. Isto pode gerar a impossibilidade em diferenciar a arte da orientação sexual ou identidade de gênero dos, como devem ser nomeados, artistas.

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, entre outros grupos sociais relacionados à sexualidade e identidade de gênero como travestis, população assexual, pansexual, etc (MARSIAJ, 2003).

Segundo Jaqueline de Jesus (2012, apud AMANAJÁS, 2015), gênero é um termo que define a nossa identidade perante a sociedade, podendo ou não ser equivalente a aquele atribuído a alguém no nascimento, diferentemente da sexualidade de alguém que está relacionada à atração afetiva-sexual. Desta forma, alguém pode ser transgênero e, ainda, heterossexual ou homossexual ou bissexual, por exemplo, o que não tem relação direta com a arte que pratica (AMANAJÁS, 2015, p. 1-2).

Briana Jones (2015) ao escrever sobre a história de algumas das maiores drag queens/transformistas do século XX nos ajuda a compreender a origem do movimento artístico que desde o início demonstra características políticas do papel do homem e da mulher.

A autora cita por exemplo, as Rocky Twins (Figura 3), personagens de dois gêmeos noruegueses que em plena década de 1920 - marcada pelo período entre guerras - ganharam repercussão com uma espécie de imitação das Dolly Sisters.

Figura 3: Retrato das artistas drag queens Rocky Twins.



Fonte: All That's Interesting, 2015

Dançarinos de jazz, os irmãos chegaram até mesmo a estrear produções do cinema francês, além de produções hollywoodianas. Carreira que chegou ao fim com a separação da dupla por motivo desconhecido (JONES, 2015).

Jones (2015) traz em seu artigo outras personagens drag queens, a citar: a drag Barbette, com origem no Texas (EUA), atuou no início do século XX, quando substituiu uma artista circense no trapézio de um circo em Paris, o que foi facilitado pelos seus trejeitos femininos que na primeira apresentação foram substituídos por poses de halterofilia - algo estereotipadamente masculino - e a retirada da peruca. Barbette cometeu suicídio em 1973. Julian Eltringe, 1881, é outra personagem do artigo, que ao ter sua homossexualidade reprimida manteve uma vida dupla e até mesmo teve de se casar com uma mulher, mesmo com o apoio da mãe que incentivava a artista com roupas e aulas de dança. A ascensão de sua carreira - US\$250 mil por apresentação - foi interrompida pela

Grande Depressão de 1929. Se tornou alcóolatra e iniciou uma vida de apresentações em pequenos bares que finalizaram com a sua morte incerta entre uma doença ou um provável suicídio.

Os exemplos apresentados por Jones (2015) podem nos levar a compreender que a drag queen em sua construção histórica ao se colocar em um papel que utiliza da feminilidade, tem origem abstrata, já que estas artistas surgiram tanto do teatro quanto de outros movimentos artísticos pouco compreendidos pela sociedade quanto ao seu papel e por isso era enxergada como uma arte marginalizada.

Além disso, o que o artigo de Briana Jones (2015) nos possibilita enxergar nos casos apresentados os momentos na história em que drag queens conquistaram espaços no cenário do entretenimento. Porém, dois fatos chamam a atenção: o primeiro seria o desconhecimento por parte da cultura popular quanto a existência destas artistas que marcaram uma época; e o segundo seria a finalização das carreiras destas artistas - suicídios e dificuldades econômicas-, que podem nos auxiliar a configurar algumas das dificuldades encontradas por estas artistas ainda nos dias atuais.

Mas afinal o que é a Drag Queen hoje? Para Nathalia Campana (2017) ela é a sucessora das transformistas que acompanharam o surgimento da vida noturna (casas noturnas) e é através da montagem com a mudança de comportamento, roupas, maquiagem, acessórios, etc, muitas vezes relacionados a figura da mulher que as tornam “híbridos, e, assim, questionadores de diversos valores pertencentes à ordem política e social” (DOS SANTOS; VELOSO, 2010, apud CAMPANA, 2017, p.27).

Anna Paula Vencato (2005) analisa que o papel da drag queen não se limita a figura de uma mulher. Mesmo que isso ocorra com frequência, há níveis de transformação que precisam ser levados em consideração, já que são figuras que utilizam da arte em um diálogo performático entre os gêneros, o que pode ser considerado o “ponto-chave” para diferenciar estes artistas das travestis, por exemplo. Há um esforço em adotar uma corporeidade que torna real uma, como podemos chamar, personagem.

Já para Giovana Vieira, Lucas Braga e Anelise Molina (2019), na análise sobre a importância do reality show *Rupaul's Drag Race* na percepção pública da identidade das drag queens, essas artistas são personagens interpretados por homens, não necessariamente homossexuais, com estética repleta de estereótipos femininos e exageros que compõem a performance. A visão atual dos autores tem como efeito a perspectiva de que hoje a arte não se encontra apenas à margem da sociedade, em guetos ou bares

noturnos, mas também na mídia como no caso de um reality show na televisão (VIEIRA; BRAGA; MOLINA, 2019).

Campana (2017) acentua que na construção das personagens são modificados o andar, os gestos, a linguagem, a voz, além dos comportamentos e da forma de se vestir. Para a autora a utopia da mulher ideal (“socialmente aceita”) é uma referência para as drag queens. Características que, muitas vezes, durante o dia - horário em que não realizam o processo de “montação”², geralmente devido às limitações da atuação noturna - ficam invisíveis no meio social, a não ser por detalhes como as axilas depiladas ou as sobrancelhas “raspadas” (VENCATO, 2005).

Segundo João Monteiro, diretor do documentário TupiniQueens³ (CAMPANA, 2017), a importância da inserção das drag queens na mídia de massa a partir de meados de 2015, está no fato destas não serem mais apenas artistas das boates noturnas, mas agora também contratadas para eventos em outros meios sociais. Cabral e Julião (2019) ao entrevistarem Maria Rojava, coordenadora do coletivo Distrito Drag, foram apresentadas a ideia de que para as pessoas envolvidas a arte, é cada vez mais necessário trazer ela para a “luz do dia”, já que além dos shows em boates estas artistas possuem outras atividades que englobam canto, dublagem, dança e até peças de comédia (CABRAL; JULIÃO, 2019).

As dificuldades encontradas pela profissão artística podem se relacionar com o preconceito na relação feita socialmente entre a arte e o gênero ou sexualidade do artista, já que mesmo a maioria se identificando como cisgêneros - se identificam com o gênero o qual nasceram (DOS SANTOS; VELOSO, 2007), uma maioria se auto define homossexual, o que a drag queen Marcia Pantera revela como uma problemática no seu comentário em uma entrevista: “Antigamente a gente só apanhava na rua, o gay só apanha, hoje eles não querem só nos bater, eles querem nos matar”(CAMPANA, 2017, p. 98).

Mesmo com esta problemática é possível mapear algumas drag queens que tiveram destaque até mesmo internacional e com atuações que vão desde a apresentação de programas de televisão até mesmo na vida como cantoras globais.

2 Montação, no vocabulário das drag queens, significa o processo de transformação da artista.

³ Documentário de 2015 que acompanha a vida de drag queens brasileiras com assuntos que englobam a montagem, atuação nas noites de São Paulo e também o ato político intrínseco na atividade. Além da participação especial de drag queens internacionais como Adore Delano e Latrice Royale.

Com estreia em 2009 - hoje em sua 11ª edição - o reality show *Rupaul's Drag Race* nos apresenta uma competição entre artistas drag queens norte-americanas pelo título de “American Next Drag Superstar” e um prêmio em dinheiro. As provas semanais abordam habilidades básicas da vida drag como atuação, dança e costura, por exemplo (VIEIRA; BRAGA; MOLINA, 2018). O reality recebe o nome da drag queen Rupaul (Figura 4), que segundo o portal Draglicious⁴ (2018), está na indústria do entretenimento desde os anos 1980 e já trabalhou como apresentadora, atriz, modelo, cantora, etc. Ganhou quatro Emmy Awards e é uma das drag queens mais conhecidas do mundo devido principalmente ao seu reality no qual já passaram mais de 100 drag queens que hoje possuem carreiras consolidadas, entre elas: Alaska Thunderfuck, Adore Delano, Latrice Royale, Manila Luzon, Raja, Aquaria, Bob The Drag Queen, etc. Pabllo Vittar (Figura 4), inclusive, é outro destaque internacional, sendo a drag queen com o maior número de seguidores na rede social Instagram, milhares de visualizações em seus videocliques no Youtube, parcerias com artistas internacionais como Diplo e Charli XCX, participações em eventos como o Rock In Rio e a Parada LGBTQ+ de Nova York, entre muitos outros feitos que a fazem merecer um local de destaque na atuação de uma drag queen brasileira (DRAGLICIOUS, 2019).

Figura 4: À esquerda temos uma imagem da drag Rupaul e à direita temos a cantora Pabllo Vittar



Fonte: Todateen, 2017

De acordo com artigos do portal Draglicious (2018-2019) outros nomes de drag queens que ganharam destaque no Brasil são: Gloria Groove, cantora dos hits “Bumbum

⁴ Portal com artigos relacionados ao “mundo drag queen” como notícias e fofocas. Disponível no link: <https://draglicious.com.br/>

de Ouro”, “Coisa Boa” e “Gloriosa”; Aretuza Lovi, cantora do hit “Catuaba”; Lia Clark com a música “Chifrudo”; Kaya Conky com a música “E aí Bebê?”; Kika Boom com a música “Loka de Pinga”; Halessia Rockefeller com o canal no Youtube com dicas de maquiagem e sobre a vida drag; Lorelay Fox com seu canal no Youtube de conteúdos que vão de “truques de maquiagem” à reflexões sobre política e preconceito; Rita von Hunty com seu canal no Youtube que mistura um modelo de programa de culinária com pautas polêmicas; Penelopy Jean com um canal no Youtube e apresentações como cover da cantora Lady Gaga; Tiffany Bradshaw como impersonator da cantora Britney Spears; o casal que forma as Deendjers, duas drag queens que produzem vídeos com dicas para novas drag queens e histórias de vida; entre outros exemplos que reforçam a realidade em que as drag queens iniciam um processo de atuação fora das casas noturnas (DRAGLICIOUS, 2018).

O reality show *Drag Race* não foi a primeira vez em que a vida das drag queens foi documentada em um material audiovisual. O documentário *Paris is Burning* (1990), produzido pela cineasta Jennie Livingston retrata a realidade de gays, transexuais, travestis e drag queens no final da década de 1980, em Nova York e expõe por meio das entrevistas, diversas perspectivas quanto aos conceitos da sexualidade e da arte que englobam essa comunidade - Drag Queen. Muitas vezes estes aspectos se misturam no processo de explicação da arte drag ou da transexualidade. As explicações de Pepper LaBeija (drag queen, mãe da House of LaBeija) nos permitem entender a arte drag não só como homens se transformando em mulheres, mas como um processo de transformação ainda mais complexo, em que a maquiagem, as roupas e os acessórios permitem o indivíduo, de qualquer gênero ou sexualidade, se colocar em outro papel social. Um entrevistado atribui aos “balls” (bailes com desfiles performáticos de drag queens), inclusive, a responsabilidade de ser um local em que está “100% correto ser gay”. Retomando o contexto do documentário, é possível ver na cena inicial um letrado anunciando uma igreja supremacista branca que remete ainda ao período crítico de racismo que serve como base para compreender a origem destes bailes (PARIS IS BURNING, 1990).

Segundo as entrevistas, nestes bailes os participantes utilizavam adereços para configuração da persona desejada que seria representada nas categorias escolhidas pelos jurados como, por exemplo: look executivo, look militar, alta costura, etc. Dorian Corey (drag queen, mãe da House of Corey) relata em um de seus depoimentos, que na época ser negro era um desafio, mas ser um homem negro gay era uma dificuldade ainda maior,

pois as organizações dificilmente contratavam pessoas negras e quando isso ocorria, estas eram heterossexuais. Dessa forma, segundo a drag queen, os bailes permitiam homens negros, por exemplo, se vestirem como executivos, militares, mulheres das revistas ou como qualquer outra realidade (“realness”) que os jurados permitissem, demonstrando que são capazes, pelo menos, de ter a aparência de algum desses papéis sociais, o que torna a arte drag ainda mais complexa, além de acessórios femininos. A reafirmação constante de que "Nos bailes você pode ser qualquer coisa, qualquer pessoa..." e "Esses bailes são a única coisa que muitos desses garotos têm" nos discursos das personalidades do documentário, por exemplo, mostra a importância dos bailes para essas pessoas, como um local em que a expressão é permitida, não apenas artisticamente, mas uma expressividade de gênero, sexualidade e modo de vida, que muitas vezes é distante da sociedade ou ainda, é ignorado. Assim, é possível observar a importância de se entender o comportamento “drag”, além da aparência; a transformação não deve ser limitada a se parecer ou não uma mulher, mas a arte de atribuir ao indivíduo um outro papel, uma personagem, com uma “performance” (PARIS IS BURNING, 1990).

O desejo de ocupar um novo nível social, como expresso por Willi Ninja e Octavia St. Laurent, relata um dos princípios da arte drag, sendo os bailes os locais que comportam este processo. Por exemplo, Octavia, é uma mulher, que se apresenta como drag queen nas noites nova-iorquinas. Ela se identifica como uma mulher trans. A transexualidade para ela, assim como para Venus Extravaganza, outra drag queen transexual, pode ser entendida com identificação com o sexo oposto, em que ambas nasceram com o sexo masculino, porém, se identificam com o feminino, e desta forma, se consideram mulheres, não necessariamente com a cirurgia de troca de sexo, o que elas pontuam em certos comentários. Já que ambas demonstram interesse pela “transição completa” de mudança de sexo, um processo de difícil acesso ao subúrbio nova-iorquino, de acordo com os relatos (PARIS IS BURNING, 1990).

Em *Paris is burning*⁵, a cultura dos bailes é influenciada pela mídia, pelos problemas sociais como o racismo e homofobia, pela cultura da meritocracia para mudanças em classes sociais, entre muitos outros aspectos. O documentário foi produzido na década de 1980 e trata-se de um importante registro histórico sobre as minorias sexuais e de gênero, em um contexto em que a AIDS havia sido considerada epidêmica. O estigma da doença traz à tona o preconceito com a comunidade LGBTQ+ que era vista como o

⁵ Documentário “Paris is Burning”, disponível no link:
<https://www.youtube.com/watch?v=mBVBipOl76Q>

principal - em alguns casos, o único - grupo de risco de contaminação. Sendo assim, uma forma de escapar da realidade e viver em um ambiente em que todos estão uma perspectiva de igualdade surgem os bailes. O baile é uma forma de se divertir e se sentir acolhido por pelo menos uma noite. Logo no começo do vídeo, um entrevistado não identificado, conta que estar no baile “é como atravessar o espelho do País das Maravilhas. Você entra ali e se sente... se sente bem por dentro confortável em ser gay.” (PARIS IS BURNING, 1990).

A série da Netflix, “Pose” (2018), é inspirada no documentário e apresenta uma visão ainda mais completa da cultura drag do subúrbio de Nova York, na qual havia a realidade de roubos de roupas e acessórios em lojas de luxo ou até mesmo museus para os desfiles nos bailes - cultura do *mopping*. A realidade das drag queens dentro uma perspectiva racial em que as pessoas negras viviam o preconceito até mesmo dentro da comunidade LGBTQ+, a questão das “famílias” - House - como um centro de apoio no caso de pessoas que foram expulsas de suas casas e, principalmente, a noção dos bailes como uma possibilidade destas pessoas conseguirem prosperar na vida e serem “estrelas” - conceito muito utilizado na série para definir um local geralmente ocupado por pessoas brancas e héterossexuais. Além disso a série propõe uma reflexão constante sobre a relação feita entre drag queens, travestis e transexuais, na qual a nomenclatura drag aparece apenas nos momentos em que estas pessoas estão performando nos bailes com a caracterização desejada, sendo uma personagem masculina ou feminina (POSE, 2018).

Ikaro Kadoshi (Figura 5), segundo as suas redes sociais⁶ é uma drag queen brasileira com 19 anos de carreira que se identifica como: andrógina, teatral e exótica. Na plataforma Youtube há alguns meses lançou o seu canal, “O Voo de Ikaro”, com conteúdo voltado a temas como: sexualidade, drogas, infância para a pessoa queer, doenças sexualmente transmissíveis, religião e bullying. O intuito do canal é tratar de assuntos que configuram a realidade do indivíduo LGBTQ+ e principalmente as drag queens, já que a artista responsável é uma referência para a arte no Brasil.

⁶ Redes sociais da drag Ikaro Kadoshi: Facebook (<https://www.facebook.com/ikarokadoshi/>); Youtube “O Voo de Ikaro” (<https://www.youtube.com/channel/UC2l8Bj6BxaIylgvQtwMgZZQ>).

Figura 5: Ikaro Kadoshi, drag queen brasileira



Fonte: Facebook de Ikaro Kadoshi, 2018

Em uma das séries do seu canal, chamada “Vida de Drag”, é apresentada por meio de uma entrevista a trajetória de artistas Drag Queens brasileiras. Conteúdo interessante para a compreensão do que envolve as dificuldades deste grupo em outros momentos históricos, mas também no contexto atual. Miss Biá (Figura 6), drag queen com 58 anos de carreira e ainda atuante, é a primeira entrevistada da série e iniciou sua carreira anos antes da ditadura militar no Brasil que, segundo ela, intensificou o risco de prisão para as artistas já que ao saírem nas ruas “montadas”, eram confundidas com “garotas de programa” e pelo fato da prostituição ser uma atividade que ia contra a moral da época, eram direcionadas para a prisão.

Figura 6: Miss Biá, drag queen com 58 anos de carreira.



Fonte: G1, 2017

Para Biá, a sua referência de drag vinha de um cabaré que havia na cidade - o que remete à vida noturna - no qual um artista queer se transformava em uma personificação

de uma artista peruana da época, nada transgressor, já que segundo Biá: “era cabaré, não tinha grande público”. Iniciou como drag queen utilizando de acessórios de uma amiga e logo conseguiu uma participação nas casas noturnas da época, o que Biá relaciona com a sua beleza quando se transformava em uma figura feminina.

Com a ditadura, a logística foi adaptada a fim de evitar a prisão das artistas, de modo que para atender a mais de uma apresentação na mesma noite, a drag precisava retirar a maquiagem, a peruca e os acessórios, “no máximo cara pintada e com a peruca na mão”, segundo Miss Biá. Nos anos 1960, 1970 e 1980, a artista drag cresce no cenário drag queen, não apenas pela sua beleza extremamente feminina, mas pelos seus conhecimentos quanto a dança, o que ela relata em seu depoimento quando questionada sobre: “O que vocêalaria para alguém que gostaria de se montar hoje?”:

Eu falaria para tomar cuidado, hoje qualquer uma é drag, a palavra drag imperou e qualquer coisa é. Para mim tem que ter cultura, saber dançar, ler, estudar muito para fazer um trabalho de qualidade (MISS BIÁ, O VOO DE IKARO, 2019).

Ainda em atividade, Miss Biá, se apresenta em casas noturnas do Brasil e conseguiu uma atuação profissional com a arte, o que foi difícil para muitas artistas da sua geração.

Lysa Bombom (Figura 7) é outra personalidade apresentada pela série de vídeos do canal de Ikaro. Com 26 anos de carreira, ela nos apresenta o surgimento da sua drag nos anos 1990 com referência de drag queens como Veronika e Marcia Pantera, que tinham espaço em programas direcionados para a grande massa como o apresentado por Hebe Camargo.

Figura 7: Lysa Bombom, drag queen com 26 anos de carreira.



Fonte: Dois Terços, 2018

Após uma experiência de transformação em uma festa, iniciou uma carreira pontual em casas noturnas com shows. Lysa tinha uma vida dupla: durante o dia um torneiro

mecânico e durante a noite uma drag queen. Após um episódio em que um programa de televisão foi autorizado a documentar esta vida de dupla personalidade, a empresa da qual fazia parte demitiu a artista, além da mesma ser expulsa da casa dos pais. Fato que a colocou em uma realidade de dormir em praça pública ou na casa de conhecidos, o que ela relata como uma espécie de cultura de suporte da própria comunidade LGBTQ+. Para ela quando somos colocados para fora de casa, formamos uma nova “família” (o que também podemos ver na realidade de *Paris is Burning*, como a cultura das houses ou, em português, casas, famílias formadas por pessoas LGBTQ+s para apoio social) que torna possível alugar um apartamento, por exemplo, o que não era possível com os cachês dos shows esporádicos como drag queen, um “mercado” em que haviam drags famosas que possuíam mais trabalhos e outras com menor público, o que era o caso de Lysa. Diferente dos dias de hoje em que ela consegue atuar exclusivamente como artista drag queen e com uma reputação interessante no meio artístico (LYSA BOMBOM, O VOO DE IKARO, 2019).

A história dessas drags em uma realidade nacional brasileira nos possibilita a reflexão: há drag queens atuando no meio, o que parecia impossível no processo histórico da arte, mas ainda há dificuldades que são enfrentadas por estas artistas como vimos anteriormente. A comparação e preconceito existentes na relação entre drag queens, travestis e transexuais é uma destas dificuldades.

3. DRAG QUEEN É SEXUALIDADE OU GÊNERO?

Silva (1993) e Silva e Florentino (1996) (apud CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004) trouxeram em uma pesquisa realizada com travestis, uma observação que pode nos auxiliar a compreender a realidade: em situações de perigo “social ou moral”, as travestis “sacavam” o homem (figura masculina, sinônimo de coragem) que existiam nelas. O que podemos relacionar com esta necessidade de se reforçar a identidade padrão do homem para conquistar respeito na sociedade, um cenário em que as drag queens transitam com sua arte de exaltação feminina.

Juliana Jayme (2010) em sua pesquisa sobre a construção de identidade de travestis, transformistas, drag queens e transexuais, considera que mesmo existindo a necessidade de diferenciação entre estes grupos, a proximidade no processo de intervenção corporal e redefinição do gênero nos permite compreender o motivo das comparações. “Essa ação redefinidora de masculinidade e de feminilidade enfatiza uma interpretação de gênero como cultural e processual. (...) Ao construir sua identidade - interferindo no próprio corpo - essas pessoas mostram que o corpo é, ele próprio um meio de expressão.” (JAYME, 2010, p. 168). Segundo Joseylson dos Santos e Maria do Socorro Veloso (2007) a maior parte das artistas drag queens são homens cisgêneros - se identificam com o gênero de nascimento - e a realidade delas nos permite enxergar uma vasta possibilidade que torna necessária a diferenciação da arte dos aspectos sexuais ou de gênero. De modo que é possível compreender o corpo como um modelo de expressão artística, as drag queens são enxergadas de forma limitada como mais uma identidade de gênero. Segundo a reportagem do canal G1⁷ realizada por Glauco Araújo (2016) referente a um curso de produção drag queen, os interessados têm origens variadas, o que se torna até mesmo uma manchete que causa “surpresa”: “Curso que forma drag queen em SP tem aluna *mulher* a até fila de espera”. Maria Teresa Chidiac e Leandro Oltramari (2004), exemplificam que a Drag se diferencia da travesti, por exemplo, devido ao fato de não se transformar em seu cotidiano, “nas ruas”, diferente da segunda que se identifica - identidade - com as vestimentas e acessórios. Juliana Jayme (2010, p.169) contribui com a ideia de que as travestis “dizem que são “mulheres” dia e noite, pois interferem no corpo por meio de

⁷ <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/curso-que-forma-drag-queen-em-sp-tem-aluna-mulher-e-ate-fila-de-espera.html>

roupas, maquiagem, cabelo e trejeitos femininos e por meio de medicamentos (hormônios femininos) e silicones”.

Teixeira e Porém (2019), no estudo sobre relação entre as travestis e o processo de inclusão nas organizações por uma perspectiva da comunicação, nos apresentam uma visão mais específica quanto ao que chamam de “ser travesti”. A existência das pessoas travestis, segundo os autores, está relacionada ao fato “sentir-se mulher”, o que configura uma situação de transformação corporal a fim de contemplar uma interioridade que se relaciona com o gênero feminino com uma exterioridade que siga as características morais relacionadas ao ser feminino, ou seja, por meio da transformação, a travesti consegue adequar o seu gênero interior com a sua imagem exterior por meio de pontos-chaves relacionados à feminilidade. “Ponto-chaves” que geralmente são relacionados com os recursos utilizados pela drag queen, no que em outro momento iremos chamar de “montação”.

Contudo, Teixeira e Porém (2019) também apresentam que segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), no Brasil, aproximadamente 90% das mulheres transexuais e travestis se encontram na prostituição, o que os autores consideram como um efeito da dificuldade destas em se colocarem no mercado de trabalho formal. Realidade que é contemplada nas relações sociais nas quais as travestis estão envolvidas, que no caso das relações afetivas, por exemplo, necessitam de uma rede fechada e quase secreta que possibilite o encontro destas pessoas com interessados, já que a expressão de gênero feminina - travesti - não é respeitada a ponto de fazer parte de espaços públicos femininos (FACCHINI; FRANÇA; BRAZ, 2014). Adicionalmente, o modelo de ensino realizado pelo sistema educacional, que além de retirar a travesti do contexto social - por meio de uma ideologia normativa binária em que apenas os indivíduos cisgêneros são contemplados nos conteúdos apresentados na escola - mantém uma realidade repleta de obstáculos para a permanência estudantil da travesti no sistema educacional, o que se relaciona diretamente com a questão do preconceito e da limitação destas pessoas em estarem capacitadas para adentrarem o mercado formal de trabalho (TEIXEIRA; PORÉM, 2019).

No Brasil, por exemplo, travestis e drag queens muitas vezes correspondem muito mais ao estereótipo de prostituta do que as mulheres cis que se prostituem, por possuírem aspectos diretamente associados à o que é chamado de “puta”, como “o uso de roupas sensuais e a expressão por meio de posturas e gestos considerados imorais” (GARCIA, 2008, p. 244). Além disso, Marcos Roberto Garcia (2008) também diz que a identidade

do malandro está parcialmente incorporada na identidade travesti, uma vez que é estereotipada por bandidagem, golpismo e vida boêmia. O que também podemos relacionar com o conteúdo apresentado no documentário *Paris is Burning*, em que o termo “mopping” - furtar - é relacionado a vida dos bailes, já que para ter acesso às roupas e acessórios, uma parcela da população queer furtava de lojas. Uma realidade que, devido a questões que vão desde a condição financeira deste grupo à dificuldade de adentrar o mercado formal de trabalho, facilita uma imagem pública negativa para a população queer que engloba as artistas drag queens, travestis e transexuais (PARIS IS BURNING, 1990).

Muitas vezes, “a prostituição passa a ser um dos únicos contextos onde a travesti desenvolve auto-estima, podendo ser elogiada, reconhecida, “cantada” e, ao mesmo tempo, ganhar dinheiro” (GARCIA, 2008, p. 244). Uma perspectiva na qual é proposta uma comparação com a drag queen, principalmente pelas questões: dos acessórios e roupas estereotipadamente femininas; e vida noturna/boêmia relacionada a questões pouco discutidas e aceitas pela sociedade (Figuras 8 e 9).

Figura 8: Atuação de uma drag queen, um show



Fonte: The Breeze, 2011

Figura 9: A realidade de 90% das travestis e transexuais, a prostituição



Fonte: Observatório G, 2019

Com relação às transexuais, Maria Teresa Chidiac e Leandro Oltramari (2004), consideram importante a diferenciação, já que ambos se encontram em “meios sociais distintos”. A drag queen tem o papel social, em visão geral, de se transformar artisticamente e criar uma personagem para determinada função, podendo esta ser um homem homossexual, uma mulher heterossexual, uma mulher transexual, uma travesti, etc. A origem da diferença está no fato da pessoa transexual não ser representada socialmente pelo o seu sexo biológico, “não se identificam com seus corpos, seus órgãos sexuais não têm significação psíquica, sentem-se como sendo de natureza oposta de seu sexo biológico. Isto não acontece - necessariamente - com as drag queens.” (CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004, p. 474).

Judith Butler (2003) contribui para a explicação de sexo e gênero, ao explicar o segundo como um produto cultural, ou seja, o gênero não tem como origem o sexo, assim como não é estático ao mesmo. Para a autora, a discussão sobre gênero independentemente do sexo faz dele um artifício flutuante que pode nos permitir a conclusão que até mesmo o sexo é culturalmente construído já que a noção de binaridade, mesmo com as teorias biológicas naturais, hormonais e anatômicas, não impedem o ser humano de não se identificar com o sexo o qual nasceu.

Nathalia Campana (2017) em sua tese de doutorado sobre o ato político por trás das drag queens, reserva um local em sua pesquisa para discutir a questão de gênero e sexo, utilizando também das teorias de Judith Butler (2003). Butler (2003 apud CAMPANA 2017) apresenta a questão do gênero é uma construção social que define, em um sistema binário de masculino e feminino, em qual dos lados cada ator social se enquadra, de forma que a travesti e as pessoas transexuais ao não se enquadrarem nesta lógica, se colocam em um menor grau de humanidade. O que Nathalia verifica quando analisa a sua pesquisa realizada na Unifesp anteriormente quanto à construção social do gênero na trajetória de pessoas travestis e transexuais. Na qual pelas entrevistas constatou que mesmo se identificando como travestis e/ou transexuais, estas pessoas perpetuavam um discurso com valores normativos com o intuito de legitimá-los como homens ou mulheres, já que por vivenciarem cotidianamente a vida em “travessia”, se mantinham em constante noção de construção, o que a autora remete a teoria de performatividade de gênero, a necessidade de reforço social para a normatividade da pessoa trans, para sua efetiva participação social junto de sua identidade (CAMPANA, 2017).

Judith Butler (2003, apud BENTO, 2007) analisa que a performance de gênero - presente, por exemplo, no cotidiano dos grupos sociais os quais estamos dedicando a atenção - se concentra na normatização social dos aspectos do próprio gênero. Para a autora, assim como um processo linguístico para definição moral do que é pertencente ou não ao meio social, a característica performática tem como objetivo principal tornar real o gênero, uma realidade. Desde o nascimento de um bebê, a performance de gênero se inicia com a questão: “é menino ou menina?”. E inicia um verdadeiro conjunto de ações humanas sobre este indivíduo que não apenas tornaram o seu gênero definido, mas limitaram as suas experiências quanto a sexualidade também, como ter acesso apenas a alguns tipos de roupa, cores, brinquedos, atividades humanas, empregos, etc (BUTLER, 2003 apud BENTO, 2007). Assim, é pela performance do gênero desejado que travestis e transexuais procuram tornar reais as suas identidades como podemos ver, por exemplo,

na série Pose da Netflix, em que cirurgias plásticas, de troca de sexo ou tratamentos com hormônios tornam uma mulher transexual “real” - termo utilizado na série (POSE, 2018).

Se faz necessário compreender o universo que engloba a drag queen para então ser feita a diferenciação entre o seu papel social e dos grupos com os quais é comparada. Contudo, é interessante manter esta relação, a fim de compreender as dificuldades enfrentadas por estas artistas que serão diretrizes para o produto deste trabalho. De modo que, como foi visto anteriormente, há problemáticas enfrentadas por travestis e transexuais que podem influenciar a existência das drags queens.

O artigo do portal “Sexo Sem Dúvida”, produzido pela psicóloga Carolina Freitas (2019), nos auxilia na compreensão do grupo no qual as drag queens fazem parte, mesmo que, como vimos anteriormente, a arte drag não tenha relação direta com sexo ou identidade de gênero. Gênero se diferencia de orientação sexual pelo fato da segunda ser o “sentimento de atração de uma pessoa por outra” e se dividir entre as categorias gerais: heterossexual (atração pela pessoa do sexo oposto); homossexual (atração pela pessoa do mesmo sexo); bissexual (atração por ambos os sexos); pansexual (atração por pessoas de todos os gêneros); e assexual (inexistência de atração sexual). De modo que para a autora as pessoas transgênero se encontram entre a binaridade pré-definida dos gêneros - masculino e feminino -, englobando travestis, transexuais, não-binários, crossdressers⁸ e drag queens. Para a autora, drag queen não é uma expressão de gênero devido ao fato da pessoa não se transvestir durante o dia, mas apenas para uma performance artística, podendo esta ser de qualquer gênero ou orientação sexual. (FREITAS, 2019).

Esta relação entre a profissão drag queen e a sexualidade ou a identidade de gênero é acompanhada do que a neurociência pode explicar com o conceito de “vieses inconscientes”, formas de agir e se portar moldadas pelas vivências e experiências de vida, ou seja, se uma maioria da população é incentivada a agir de determinada forma (hétero e cisgênero), esta será dada como a forma correta, o que cria estereótipos, como por exemplo, se você é homem deve ter trejeitos masculinos e se vestir de determinada forma, consequentemente isso cria pré-conceitos (RETZ, 2018) e dificuldades em se entender a forma de vida em questão, quanto às relações homoafetivas, homens utilizando acessórios reconhecidos como femininos, pessoas transexuais, etc.

⁸ Comportamento de utilizar roupas de outro gênero que diferentemente das travestis, utiliza dessa prática sem regras para auxiliar em sua auto-estima, de modo que isso não necessariamente é cotidiano (SEXO SEM DÚVIDA, 2019).

A teoria queer trabalhada, por exemplo, no trabalho de Maria Teresa Chidiac e Leandro Oltramari (2004), nos apresenta como conceito geral o que podemos chamar de “o estranho”, “o excêntrico”. Guacira Louro (2001), referência utilizada pelos autores, nos apresenta o conceito de identidade queer que antes remetia a uma ofensa às pessoas LGBT+ e hoje representa a nomenclatura da identidade de toda uma comunidade que não se limita à binariedade de gêneros como o masculino e o feminino, ou orientações sexuais como homo e hétero. Uma linha de pesquisadores se dedicaram, segundo a autora, em compreender o que leva um indivíduo com identidade não relacionada ao binarismo social a um local de inferioridade perante a sociedade, até mesmo em discursos que promovem a compreensão da comunidade homossexual, por exemplo, em que há uma perspectiva heteronormativa de reafirmar a existência dessas pessoas por construção social ou como originalmente naturais do meio social (BUTLER, 1999 apud LOURO, 2001). O que pode nos levar ao questionamento dos motivos que levam a sociedade a necessitar da reafirmação desta comunidade constantemente, o que não é feito pela comunidade heterossexual de divisão binária.

A personagem drag queen coexiste no meio social da comunidade LGBT+ em que homossexuais homens ou mulheres, transexuais e travestis, por exemplo, estão inseridos devido, principalmente, a construção histórica constituída também por viéses inconscientes da sociedade que marginaliza e atribui a este grupo um local inferior perante todo o meio social. A vida noturna, a reputação “promíscua”/ “malandra”, o preconceito e o baixo índice de compreensão da sociedade são alguns dos pontos encontrados nessa análise histórico-contextual que nos auxiliam a compreensão dos motivos pelos quais a drag queen possui dificuldade para ser compreendida como uma profissional artística: o caráter abstrato do meio ao qual faz parte, vindo do início dos estudos sobre sexualidade e gênero, para a então definição da comunidade e no momento a conceituação da drag queen para além de uma expressão artística.

4. A VIDA DE CACHÊ E O MERCADO DE TRABALHO

A homossexualidade - uma realidade da maior parte das artistas drag queens segundo Nathalia Campana (2017) - como prática social teve os primeiros registros na Grécia Antiga e no momento histórico era considerada uma prática comum de iniciação sexual, mesmo que com uma realidade de exclusão social dos indivíduos exclusivamente homossexuais. Com a ascensão do cristianismo, a homossexualidade foi negada pela lei judaica que reforçava a heterossexualidade monogâmica, atribuindo a relação homossexual um caráter pecaminoso fora da proposta de reprodução cristã, um “afronta as leis religiosas” que com o passar dos períodos históricos ocasionaram até mesmo a queima em fogueiras de pessoas homossexuais durante a Idade Média (BORRILLO, 2010 apud NUNES, 2014).

No artigo de Jorge Salhani, Raquel Cabral e Gisela Gonçalves (2018) referente ao tema violência no contexto das organizações, fica clara a perspectiva de que no meio organizacional atualmente o cenário de “caça” não é muito diferente, já que segundo uma pesquisa realizada pela Center for Talent Innovation de 2016, 61% dos empregados LGBT+ ocultam as suas orientações sexuais ou identidades de gênero com o intuito de evitar situações de rejeição, exclusão e discriminação (BELLONI, 2016 apud GONÇALVES; CABRAL; SALHANI, 2018).

Observa-se que há falta de empregabilidade, ausência de mecanismos legais que visem a proteção e o bem-estar em situações de casamentos homoafetivos ou morte do(a) companheiro(a), além do bullying, do assédio moral e sexual que sofrem por parte dos próprios colegas de trabalho. (GONÇALVES; CABRAL; SALHANI, 2018)

Pessoas transexuais - que também realizam a profissão drag queen - vivem uma realidade de preconceito e exclusão social, na qual ao serem relacionadas a “profissionais do sexo” vivem uma experiência de exclusão do mercado de trabalho tradicional (SILVA; BARBOZA, 2009). De modo que concepções ideológicas se tornam mais relevantes que as questões econômicas em uma entrevista de emprego, por exemplo.

O que pode ser considerada uma violência estrutural que impede a entrada do indivíduo LGBT+ em uma empresa. Uma relação na qual não é possível enxergar um agressor, mas um sistema que dificulta a vaga para uma mulher “trans” em uma entrevista

de emprego ou a promoção para um homossexual em um banco, ou ainda a vida cotidiana em uma empresa sem que passe por constrangimentos até mesmo com os colegas de trabalho quanto a comentários homofóbicos, exclusão e até casos de assédio (GONÇALVES; CABRAL; SALHANI, 2018).

Daniel Borrillo (2010) caracteriza a homofobia como um “fruto do consentimento social do exercício da violência e da hostilidade sistemática” que se dirigem aos indivíduos que desafiam a ordem ao realizarem práticas sexuais fora dos padrões de normalidade impostos pelo meio social, no qual o homossexual não é representativo, não é reconhecido, e desprovido “de legitimidade de exercício no espaço público” (BORRILLO, 2010 apud NUNES, 2014).

Vinicius Santana, a drag Mackaylla, compara a sua profissão a ser gay, atribuindo aos dois casos que não foi uma escolha, já que mesmo realizando a arte por prazer, demonstra em seu comentário que isso não exclui as situações de preconceito tanto com a sua sexualidade quanto com a sua profissão (CAMPANA, 2017). Drag Queen, como profissão vem como uma forma de expor estas desigualdades e experiências de exclusão social vividas por este grupo - LGBT+:

[...] uma alternativa nos esforços para a construção de relações sociais menos desiguais, principalmente em termos de gênero e sexualidades, possibilitando às vítimas de processos excludentes a construção de seus destinos a partir de suas próprias vivências, em busca de transformações sociais, e não a favor das relações sociais existentes, como em uma ânsia conservadora de inclusão (MARTINS, 2002 apud CAMPANA, 2017).

O conceito de cidadania, no momento atual, remete um perfil social específico com cor de pele e gênero definidos, assim como orientação sexual e identidade de gênero. O que Richardson (2000 apud DE OLIVEIRA et al, 2010) relaciona com a existência de um sistema institucionalizado heterossexual que tem como principal efeito uma desigualdade entre as pessoas LGBT+ e o restante da população, de modo que este grupo não possui a validação para o seu modo de vida. Kitzingler (2005 apud DE OLIVEIRA et al 2010) apresenta a teoria de uma heteronormatividade social que impõe uma compreensão binária originada nas práticas das leis, da cultura e das próprias organizações que validam apenas as relações consideradas “naturais”, entre pessoas de sexos opostos, fato que é propagado desde as relações interpessoais que reforçam um padrão (que podemos relacionar com a teoria dos vieses inconscientes da neurociência), até a publicidade de grandes empresas que propagam o que podemos chamar de um discurso que legitima a homofobia, lesbofobia, transfobia. Um ambiente de hostilidade contra as pessoas LGBT+

que além de afetar o bem estar psicológico destas, ainda influência nas experiências deste grupo em locais públicos como o trabalho, a escola ou até mesmo o ambiente familiar (DE OLIVEIRA; et al 2010).

Guilherme Teixeira e Maria Eugênia Porém (2019) apresentam uma informação que auxilia a compreensão de uma das instituições que causam a percepção desta discriminação: a escola. Uma das instituições de maior impacto na formação do cidadão, com o acesso ao conhecimento, propaga uma ideologia binária de normatividade, na qual um grupo que está às margens do “comum” vive uma realidade de preconceito, exclusão e dificuldade de compreensão do que chamamos de identidade e orientação. Ainda, segundo dados apresentados pelos autores, a população trans - que faz parte da comunidade LGBTQ+ - tem 82% de evasão escolar (PORÉM; TEIXEIRA, 2019). De modo que é possível a reflexão de que: a comunidade em todos os seus níveis possui dificuldades de permanência nas instituições sociais, desde a família, a escola, até as organizações que de um lado dificultam a entrada destas pessoas em processos seletivos - além da realidade educacional de evasão que dificulta a capacitação mercadológica deste grupo. E por outra perspectiva, não possui uma preocupação com a permanência destas pessoas no ambiente organizacional, como observamos com: casos de assédio, violência física, xingamentos e exclusão (GONÇALVES; CABRAL; SALHANI, 2018).

Este cenário de desigualdade permite que a crença no “mito da superação pessoal” seja uma possível solução, para as pessoas que se deparam com obstáculos. Uma receita a ser aplicada na vida de alguém que como a de um bolo, terá um resultado previsível que no caso é a superação dos limites sociais (CASAQUI, 2017). Esta fórmula pode se configurar como o “fenômeno empreendedor”, que segundo Alessandra Costa e Luiz Saraiva (2011), surge da tentativa política do Estado em facilitar a legislação e burocracias para impulsionar o desenvolvimento empreendedor que, neste caso, leva em conta que todos têm o perfil para tal, já que a partir da flexibilização fiscal, o empreendedorismo além de criar um mercado que permite a participação maior da população, ainda contribui para a superação de crises econômicas (KRUGER & BRAZEAL, 1994; SCHUMPETER, 1982; SOMBART, 1946 apud COSTA; SARAIVA, 2011).

Este enfoque direcionado ao empreendedor torna o significado do fenômeno e até mesmo da palavra, pouco discutido, de forma que o mesmo termo que já foi utilizado para nomear aqueles que inseriram novas técnicas agrícolas em seus negócios ou arriscaram investimentos no “boom” industrial, hoje contemplasse apenas aqueles que se

arriscam em criar um negócio, na maioria das vezes uma empresa (SILVEIRA LEITE; MAXIMO E MELO, 2008).

“Significa fazer algo novo, diferente, mudar a situação atual e buscar, de forma incessante, novas oportunidades de negócio” (DORNELAS, 2003, p.81), é um dos significados para o empreendedorismo segundo um dos autores clássicos da área, que contempla a ideia do empreendedor como um novo empresário que para conseguir a sua “superação pessoal” se propõe a criar um negócio. O que Vander Casaqui (2017), tendo por base a observação dos estudos de Illouz (2011), considera uma cultura da autoajuda, que ao se deparar com uma sociedade com escassez de exemplos de “sucesso” que inspirem a população, serve como uma possível solução, uma “luz no fim do caminho”. Que trazem para a discussão até mesmo o perfil para um empreendedor que deve ter em seu portfólio de características a liderança, a intuição, a imaginação ou até mesmo a capacidade de trabalho em rede (COSTA; SARAIVA, 2011), para que obtenha “sucesso” no processo.

Idalberto Chiavenato (2007) considera que nem todos que procuram o empreendedorismo buscam ascensão social, por exemplo, os “refugiados” que por motivos variados enxergam no “futuro empreendedor” uma forma de escapar do que o autor considera como “fatores ambientais”:

Refugiados estrangeiros: são pessoas que escapam das restrições políticas, religiosas ou econômicas de seus países de origem atravessando as fronteiras nacionais. Em geral, encontram discriminações ou desvantagens - de cultura, língua, entre outras- ao buscar emprego (...). Refugiados corporativos: são aqueles que fogem do ambiente burocrático das grandes e médias empresas iniciando negócios por conta própria (...) ambiente desagradável de trabalho, processo decisório centralizado, realocações impostas e até atmosfera indesejável, encontram uma alternativa atraente (...). (...) Refugiadas feministas: mulheres que sentem discriminações ou restrições em uma empresa e preferem iniciar um negócio que possam dirigir independentemente dos outros. Refugiados sociais: são os alheios à cultura que prevalece na empresa que buscam uma atividade como empreendedores. (...) (CHIAVENATO, 2007, p. 10-11).

Evandro Pimentel (2017) apresenta a ideia de que realmente o empreendedorismo pode ser um caminho para que uma minoria consiga ultrapassar os limites sociais impostos sobre ela, sendo por necessidade ou por desejo de se libertar de situações vividas no mercado de trabalho. O que não deve ser confundido com a ideologia criada pela mídia de tornar comum o sonho de alcançar a liberdade de mercado em um discurso motivacional equiparado ao discurso empreendedor (CASAQUI, 2016).

Entre as mais variadas formas de definir o empreendedorismo podemos destacar duas. A primeira é do empreendedor como “o indivíduo executor de uma ação capaz de produzir ruptura com aquilo que lhe proporciona segurança e estabilidade (a acomodação, a alienação, a paixão, etc)” (BOAVA; MACEDO, 2009, p. 11), como alguém que por meio da inovação se retira do mercado convencional e se propõe a criar um modelo de negócio novo próprio com intuito de buscar a superação pessoal e participar da economia. O que Vander Casaqui (2016) pode contribuir com a conceituação do “homem conexcionista” que por meio da “quebra” com os conceitos tradicionais de ambiente de trabalho [“indústria criativa”] e da criação de novos mercados, se estabelece como alguém que utiliza das relações e pode ser considerado um “maker”. Alguém que realiza a mudança por meio da inovação e compreende o processo empreendedor como um projeto comunicacional no qual um novo grupo de protagonistas recebe a atenção do mercado em um networking constante.

Enquanto a segunda enxerga o empreendedorismo como uma forma de reafirmar a existência de grupos sociais (PIMENTEL, 2017). Para Evandro Pimentel (2017), o processo inovador da criação empreendedora, que aqui não se relaciona unicamente com a criação de uma empresa, possibilita a grupos marginalizados a visibilidade necessária para uma participação social, ou seja, mulheres, LGBT+ ou negros, por exemplo, ao estabelecerem contato com conhecimentos quanto a cultura de empreender têm a possibilidade se estabelecerem ativamente como atores sociais de transformação, de modo que possibilitam o que podemos chamar de “representatividade” - para um grupo marginalizado. “Uma lógica de sociedade sem direitos e sem democracia é uma lógica branca, hétero e masculina. E romper com essa lógica é associar-se e constituir-se na lógica da democracia e dos direitos humanos e civis (PIMENTEL, 2017).”

Ao provocar este rompimento é estabelecida uma relação de inovação empreendedora que se dá quando um grupo social, uma minoria, se propõe a utilizar do que Casaqui (2017) entende por cultura empreendedora que, por uma perspectiva da comunicação, pode se configurar atualmente como uma espécie de processo comunicacional no qual há a intenção de inserir na “teia social”, aquilo que o empreendedorismo tem como base.

Pouco “se discute a quem interessa a disseminação de um modelo cujo empreendedor é capitalista, ocidental, branco, masculino, heterossexual e euro-norteamericano” (McLAREN, 1997; ESSERS & BENSCHOP, 2007 apud COSTA; SARAIVA, 2011, p.3), de modo que ao se promover as teorias sobre o assunto, não há a

representação da outra parte da população: mulher, negra, LGBT+, indígena, idosa, judia, etc.

Este papel social se reforça ainda com o caráter de rede proposto pelo empreendedorismo, no qual o indivíduo “maker” tem dificuldades em estabelecer o processo de empreender sozinho, necessitando de uma rede, que o projeto Draft - jornalismo para divulgação do empreendedorismo - conclui, por exemplo, “que juntos, conectados, trocando, compartilhando, somos mais fortes, mais inteligentes, mais criativos” (DRAFT, 2015 apud CASAQUI, 2016). O que pode explicar a ascensão do tema “economia criativa” que alinha comunicação, telecomunicações e informática a enorme variedade de produções na cultura e que corresponde até 2007 a 7% do PIB mundial segundo o Banco Mundial (MIGUEZ, 2007). Para Paulo Miguez a economia criativa merece atenção dos estudos por ser uma atividade que se distingue das outras no momento que utiliza como recurso de produção a criatividade, o talento ou habilidades individuais de um indivíduo que se propõe a produzir um produto ou serviço. Pires e Albagli (2009) ao estudarem a economia criativa com enfoque na indústria de moda, atribuem a este novo modelo de atividade econômica uma vantagem que se encontra nos recursos utilizados que são geralmente imateriais inesgotáveis já que trabalham com “ideias, conhecimento, afetos, cultura e relações sociais” (NEGRI; LAZZARATO, 2000; COCCO, 2000; GORZ, 2005 apud PIRES; ALBAGLI, 2009).

Com “um vasto conjunto de atividades - o artesanato, a moda, as indústrias culturais clássicas (do audiovisual, da música e do livro) e as novas indústrias dos softwares” (MIGUEZ, 2007, p. 97) a economia criativa vem estabilizando com o que podemos compreender um modo de empreender que possibilita a inserção de atividades que nos fazem repensar os modelos de produção e gestão empresariais que utilizamos atualmente (PIRES; ALBAGLI, 2009).

Por fazer parte de uma dinâmica capitalista de economia, ela ainda busca o lucro para o indivíduo que realiza a atividade de modo que os produtos, mesmo criativos devem ter potencial de mercado, assim como a sua realização não é necessariamente sustentável já que mesmo com recursos não poluentes ou recicláveis (criatividade), ela utiliza da divulgação e atuação em meios tecnológicos que se desviam da proposta da sustentabilidade (FONSECA, 2011).

Contudo, com o surgimento do termo no Reino Unido, a economia criativa surge com foco em possibilitar novos empregos e assim gerar renda, com base nos “direitos de propriedade intelectual” (REIS, 2007). Ana Carla Reis (2007) ao apresentar exemplos

como o de Cingapura que viu na criatividade um meio de se tornar competitiva no mercado internacional de modo a “bater de frente” com países como os EUA, nos possibilita a visão desta economia como não apenas uma possível ascensão socioeconômica, mas também como a utilização da criatividade como um recurso para gerar renda.

Ao instrumentalizar gerações por meio de processos de formação criadora e de possibilidades, concebemos uma sociedade com mais sentido da vida e com perspectiva de transformação de realidades perpetuadas como naturais. Romper com a lógica machista, lgbtfóbica e racista é um caminho para a construção de sujeitos sociais, de direitos e livres para empreender (PIMENTEL, 2017)

A economia criativa, deste modo, pode ser vista como uma forma destes grupos de minorias empreenderem em seus meios sociais. Uma das formas como este processo acontece pode ser visualizada na tese de doutorado de Nathalia Sato Campana (2017), sobre o ato político que engloba o processo de transformação de uma drag queen, que ao entrevistar Vinícius Santana, a drag Mackaylla, se deparou com a afirmação de que a artista considera a profissão como uma forma de empreendedorismo, já que não nega que pensa nas questões financeiras já que a profissão artística envolve gastos e necessita de um retorno sobre eles (CAMPANA, 2017). Desta forma, a utilização da criatividade para a execução de uma economia criativa pode considerar também o processo da profissão da drag queen e, assim, a enquadra no processo de empreendedorismo. Já que utiliza da criatividade e inovação na produção de um serviço de entretenimento cultural que gera renda, o que torna necessário um estudo sobre as formas como esta “economia drag” gera um retorno financeiro.

Sophia Camargo (2013) relembra a importância de destacarmos o potencial do mercado LGBT - que no título do artigo se resume de forma errada ao público gay.

O fato da parada LGBT+ gerar um retorno econômico sobre a economia turística perdendo apenas para a fórmula 1, nos auxilia na compreensão do que podemos chamar de “pink money” - ou “pink real”. Segundo Marta Dalla Chiesa, presidente da Abrat GLS (Associação Brasileira de Turismo para Gays, Lésbicas e Simpatizantes), os gays e lésbicas consomem mais produtos de luxo e moda, além de viajarem 30% mais que o turismo tradicional na realidade americana – o que podemos considerar como os parâmetros heteronormativos - o que tem surtido efeito na Parada LGBT+ brasileira, que possui mais da metade do público com um perfil estrangeiro. Considerado um grupo que não possui filhos, para Franco Reinaudo, diretor do Museu da Diversidade em São Paulo

e co-autor do livro "O Mercado GLS", a comunidade LGBTQ+ direciona para viagens, cultura e educação “o que iria para as fraldas”, de modo que se torna cada vez mais um nicho de mercado a ser trabalhado e com potencial de consumo, mesmo com a dificuldade em uma organização se relacionar com a temática (CAMARGO, 2013), devido a questões que apresentamos anteriormente

Conforme a sociedade se abre para uma realidade com leis voltadas a comunidade LGBTQ+, a população global inicia um processo de identificação com este grupo antes pouco provável que interessa às grandes organizações, já que para as empresas pouco importa a origem do lucro. Com uma quantidade estimada em US\$ 350 bilhões por ano gastos por pessoas da comunidade, este novo mercado ainda “caminha” para uma mensuração, contudo o que temos é uma realidade de menos gastos familiares (poucos ou nenhum filho, por exemplo) para estas pessoas que conseguem definir os seus gastos. No caso, 90% da população gay, por exemplo, considera importante apoiar empresas que possuam na identidade publicitária conteúdos voltados ao grupo que com o tempo foram de comerciais de cerveja até um “Dia Gay” na Disney World (BBC News UK, 1998). Um consumo interessante que influencia diretamente na carreira das drag queens que atuam, principalmente, em casas noturnas e eventos voltados a comunidade LGBTQ+.

“Drag queens faturam até R\$500,00 por hora com shows em casamentos”, é a manchete do artigo de Eduardo Guidini (2013). Convidadas pelos noivos ou pelos padrinhos para entreter o público do casamento, Susi Ferrari e La Diva Croquete conseguem realizar aproximadamente 12 apresentações por mês: “já cheguei a fazer três shows da Susi na mesma noite em cidades diferentes”, diz Álbner, criador de uma das drag queens. Na entrevista elas consideram o mercado competitivo, com muitas pessoas atuando como drag queens, fato que é somado ao investimento necessário que transita entre perucas, roupas e até sapatos de R\$1.000,00, segundo as entrevistadas. Além da questão do preconceito na confusão com garotas de programa, que geram alguns casos de assédio que incomodam as artistas. Contudo há uma realidade em que a renda recebida com este serviço auxilia nos gastos com as contas pessoais das artistas como no caso de Susi Ferrari em que os shows contribuem com 70% da renda realizando os casamentos (GUIDINI, 2013).

Além dos gastos com perucas, maquiagem, roupas, sapatos que podem atingir os milhares em um ano, há os gastos com transportes até os shows, mixagens de músicas, diagramação de flyers que envolvem gastos também e de certa forma influenciam na economia de outros mercados. Na realidade de Nova York, segundo o New York Times,

enquanto algumas drags ganham US\$100 mil por um show, uma maioria atende por US\$50, sem contar as gorjetas que recebem - devido a cultura das “tips” americana, em que durante o show os clientes entregam notas de dinheiro. De um lado temos um público que procura acesso gratuito a cultura e de outro alguém que procura suprir os investimentos e conquistar algum lucro para atuar apenas com isso (KRAVITZ, 2018).

A drag Gina Tonic acredita que tem um gasto anual de US\$10 mil, em que uma peruca básica custa US\$50 (R\$200), enquanto uma front-lace que imita a raiz do cabelo humano custa US\$200 (R\$800). Com paletas de sombra que vão de US\$20 a US\$100 (R\$80 a R\$400), batons de US\$10 (R\$40), bases de US\$50 (R\$200), etc. Além das cintas e enchimentos que variam entre US\$30-120 (R\$120-480), as meias calças essenciais que custam por volta de US\$15 (R\$60), entre muitos outros gastos. Que se contrapõem aos ganhos, que na realidade dos EUA, para uma drag nova podem ser de R\$200 reais por show além das gorjetas que em sua maioria são notas de US\$1 (R\$4), uma atuação própria de um freelancer que necessita arcar com planos de saúde, aposentadoria. Realidade que o reality show, Drag Race, vem mudando, já que suas ex-participantes atendem nas casas noturnas com cachês maiores (KRAVITZ, 2018).

Jane Hamilton, especialista em finanças do consumidor da Mint and Turbo, acredita que para uma artista novata como drag queen, o cuidado com as finanças é essencial sem esquecer da promoção e divulgação do seu trabalho que vai gerar um valor de procura necessário para novos trabalhos: se vender é necessário; procurar novos seguidores para as redes sociais; se apresentar em locais em que há artistas com “nomes maiores” para que haja um vínculo. O que pode gerar uma carreira sustentável como no caso de Gina Tonic que deixou o seu trabalho tradicional para dedicar exclusivamente à carreira drag queen. Uma carreira que vive de gorjetas, mas que pode se tornar a única a longo prazo, segundo Hamilton (KRAVITZ, 2018).

Também temos o caso apresentado por Hanna Baoli (2016) em que a drag queen, brasileira, Natasha Yohara, conseguiu apoio do Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura do Distrito Federal para o lançamento do seu videoclipe musical. Para a artista, o reality show, Drag Race, auxilia na visibilidade global, contudo falta incentivo para as artistas locais que procuram o apoio social. O que o caso comprova como algo possível até mesmo pelo setor público com o incentivo para a cultura (BAOLI, 2016).

A atuação da artista drag queen é composta por oportunidades como podemos compreender no texto de Cabral e Julião (2019), uma alternativa de profissionalização de um grupo social com dificuldades em atuar no mercado. Seja pelo preconceito e violência

estrutural sofrida pelos colegas de trabalho ou limitações ao transmitir informações pessoais que possam impedir o ingresso em uma organização, por exemplo. Elas podem cantar, dançar, atuar, realizarem peças de comédia, entre muitas outras funções, mas ainda há uma dificuldade social em compreender a arte drag, ainda mais em cidades interioranas, em que as oportunidades são menos prováveis. Desta forma, se faz necessário dialogar com algumas artistas locais e compreender as suas perspectivas, a fim de identificar as dificuldades pelas quais essas pessoas passam no exercício de sua profissão e, partir disso, pensar em possibilidades comunicacionais como forma de apoiar na superação destas barreiras.

Com uma origem artística e consequentemente política, a drag queen se configura na história como uma arte que superou barreiras e hoje possui um certo espaço na opinião pública como vimos nos casos de RuPaul e Pabllo Vittar. Em seu caminho é possível enxergar obstáculos: a comparação preconceituosa com travestis e transexuais; a relação feita com sexualidade e identidade de gênero; a marginalização da vida noturna; a dificuldade na profissionalização do movimento artístico. Contudo, se faz necessária a compreensão destas dificuldades por uma perspectiva empírica das artistas drag queens de uma realidade específica.

Algumas perspectivas nos apresentaram um panorama da cultura drag e da sua origem histórica, para ampliar este estudo procurou-se por meio de uma pesquisa exploratória aplicada em entrevistas abertas baseadas nos relatos de 12 (doze) profissionais drag queens de cidades do interior do Brasil (Bauru, Araraquara, Ponta Grossa, Sorocaba, Maringá, Leme e Alfenas), definidas aleatoriamente em uma lista de pesquisa voltada a palavra “drag” na rede social Instagram, com a condição da artista atuar ou ter iniciado a carreira em uma cidade do interior do país.

Dulce Mara Critelli (2016) acredita que os relatos por uma perspectiva da historiobiografia auxiliam na transmissão da identidade de alguém por meio das palavras recriando no espaço/tempo a sua realidade e tornando as suas experiências um fato social (CRITELLI, 2016). Desta forma, foi por meio dos relatos breves destas artistas quanto às principais dificuldades da atuação no movimento artístico que se torna possível relacionar pontos de convergência e, assim, categorizar diretrizes para a compreensão das problemáticas enfrentadas pelas drag queens do interior do país no contexto social que abordamos anteriormente.

Assim, as entrevistas foram sistematizadas por meio do quadro 1 que contém três colunas: a primeira considera a identificação da artista, sua idade (caso tenha

apresentado), tempo de carreira (caso tenha apresentado) e a sua cidade de origem; a segunda coluna considera o relato completo, levando em conta a organização de ideias relacionadas ao que foi abordado como problemática para a pesquisa; a terceira coluna considera a categorização dos subitens abordados na questão apresentada às entrevistas, de modo que o conteúdo do relato fosse resumido nestes tópicos a fim de facilitar a compreensão dos resultados. Levando em consideração que todas as drag queens foram entrevistadas em um modelo de diálogo por meio de uma rede social (Instagram), devido à falta de horário em que as artistas estavam disponíveis para as entrevistas e as dificuldades quanto à localização geográfica. Desta forma, foi apresentada a todas a mesma questão e cada uma das artistas baseou o seu breve relato nas suas experiências e pontos principais. Esta questão foi desenvolvida com base na pesquisa bibliográfica realizada anteriormente.

A questão apresentada contém os seguintes subitens a serem respondidos:

1. Hoje você realiza quais atividades como drag queen?
2. Quais as maiores dificuldades encontradas pela arte?
3. Você se considera uma empreendedora?

Quadro 1: Relatos das Drag Queens - Interior do Brasil

Entrevistada	Relatos com identificação dos subitens 1, 2 e 3	Comentários relacionados aos subitens 1,2 e 3
Drag Dmitry 5 anos de carreira Leme-SP (Vive em São Paulo)	“A arte drag entrou por acaso em meu caminho, na realidade começa com minha aceitação a minha orientação sexual, na época eu era um menino do interior paulista(leme) que havia saído de casa , ido morar em Bauru, porque passou na faculdade e tudo o que ele mais queria era seguir seus sonhos, lembro a primeira vez que fui em uma boate LGBT+ (1), me senti tão livre, uma liberdade que nunca tinha sentido antes, me recordo que no meio da balada ouvi uma sirene, a cortina abriu e surgiu aquele "ser", todo cheio de brilho, salto alto, cabelos e maquiagem perfeitos, com uma dublagem impecável, foi incrível, nunca tinha visto uma drag de perto e fiquei maravilhado, nessas idas e vindas conheci uma drag queen, comecei a interessar mais pelo assunto, na mesma época conheci RuPaul e sua corrida das drags (drag race) e fiquei “chocado” do “por trás” das câmeras homens barbados se transformavam em lindas “mulheres” isso só fez aumentar minha vontade de experimentar então apareceu uma oportunidade em um concurso de novas drags e eu exibido q sou resolvi tentar, foi nesse concurso que Dmitry surgiu, meio andrógina, maquiagem diferente, dançante, ganhei o concurso, e mais do que isso senti algo que me mudou totalmente e desde então ela faz parte de mim.	1. Faz performances, hostess, é tequileira, DJ e animação de festas; 2. Cachês com valores baixos; Desvalorização da arte por parte do contratante e do próprio consumidor destes locais; Relação de uma parcela de artistas com maior presença no mercado, o que causa uma espécie de monopólio com os trabalhos que aparecem; 3. Se considera empreendedora. Uma visão como uma vendedora de sua imagem, o seu produto é a drag queen. Um trabalho em que que precisa mostrar credibilidade.

	Hoje trabalho como drag há 5 anos, performo, faço hostess, tequileira, Dj, animação, a drag queen acompanhou a mudança das boates e se adaptou como camaleoa que a arte é. Hoje tentando viver dessa arte no Brasil, ainda me deparo com baixos caches, desvalorização da arte por meio da produção e as vezes do próprio consumidor, as famosas "panelinhas" onde se você não faz parte do grupo não é chamada pra trabalhar, mais a gente segue firme, propondo um trabalho sério e de qualidade, um dia após o outro, trabalho de formiguinha para conseguir espaço e valorização. Me considero muito empreendedora, sempre digo que quando estou In Drag , eu "vendo" um produto no caso eu mesma, vendo minha simpatia, meu carisma, meu talento, minhas curvas, porque vejo realmente como trabalho e preciso dar credibilidade. Além de que tenho uma missão com minha drag. A missão de te Conquistar.”	
Drag Bafon 27 anos de idade Interior de SP	“Eu me chamo Johnny Liberato tenho 27 anos. Comecei a pintar minha cara e gravar vídeos aos 17 anos mas era uma coisa meio nogender, aos 21 sai da casa dos meus pais por conta da minha sexualidade, fui morar na região da avenida paulista em uma pensão e para me sustentar virei Barman na Frei Caneca, lá tive mais contato com o universo drag. Mas eu já conhecia as nossas vedetes Elke Maravilha, Silvety Montila, Dimi Kier, Trio Milano. Mas foi assistindo RuPaul’s que eu encontrei um aspecto mais plástico que me encantou. Acredito que esse mercado esteja em processo de construção por isso é tão precário. Para mim drag ainda não é uma profissão. Não é como eu sobrevivo.”	1. No passado gravava vídeos com sua persona drag; 2. Preconceito por parte da família devido a sexualidade; Um mercado em construção que se encontra em situação precária; 3. Não se considera empreendedora, pois não é a sua profissão (não sobrevive com esta atividade).
Drag Jessie 3 anos de carreira Bauru-SP	“A arte drag entrou em minha vida no dia 30 de janeiro de 2016, e tudo começou com uma brincadeira em uma festa na república pautaria com o tema “festa do trocado especial RuPaul” e eu nunca tinha colocado uma peruca na cabeça e nem tinha me maquiado na vida, até que minha amiga fez eu comprar uma peruca super barata no dia e ela mesmo fez a maquiagem em mim, quando eu olhei pela primeira vez no espelho eu toda montada e maquiada eu fiquei encantado, coloquei o salto 15 que ela me emprestou e eu fiquei a festa toda até as 7hrs da manhã e eu amei demais aquela festa, com músicas e performances de drags maravilhosas que já eram profissionais e foi partir desse dia que eu me apaixonei pela arte drag e eu continuo até hoje, e as influências foram a festa e minha amiga que super me apoiou e me ajudou. Hoje eu realizo as atividades de drag em festas, eventos e casas noturnas, e o que eu mais gosto de fazer é eventos porque eu amo ter contato com as pessoas e mostrar a arte drag para todos que não conhecem. A maior dificuldade em relação a arte drag no começo pra mim foi a aceitação no relacionamento que eu tive, ele não conseguia aceitar que eu me montava e queria me ver sem maquiagem perto dele porque ele falava que eu iria me tornar uma transexual apenas por eu	1. Faz participações em festas, eventos e casas noturnas. Atua como maquiadora quando não está montada, porém une as duas atividades nas redes sociais; 2. Aceitação por parte de algumas pessoas em diferenciar a arte da transexualidade; 3. Se considera empreendedora, por ter uma profissão como maquiadora, não necessariamente uma profissão com a atuação como drag queen.

	me montar de drag e foi uma relação muito desgastante, mais em questão de família e amigos foi tudo bem tranquilo e onde eu trabalhei o pessoal amava ver eu montada. Sim, me considero uma empreendedora porque além de drag queen eu também sou maquiador profissional, e eu gosto de fazer a junção das duas coisas para poder me divulgar nas redes sociais e conseguir trabalhos, inclusive meu último trabalho que eu fiz foi para uma inauguração de uma loja de produtos cosméticos em que eu fui contratada para ir de drag queen e fazer maquiagem nos clientes e foi um dia maravilhoso.”	
Luna Scarlett Araraquara - SP	“Eu comecei drag com o teatro, na época eu estava começando a assistir Drag Race, aí esse papel apareceu e foi desde aí que tudo começou, hoje eu faço shows, tenho um canal no YouTube e toco em festas como DJ Drag, as maiores dificuldades sem dúvidas estão no meio, muita competição, inveja e falta de companheirismo, além da desvalorização do nosso trabalho pelos produtores de festa, muito do nosso valor ultimamente se baseia em quantos seguidores você tem na rede social. Mas eu faço porque eu amo, tenho interesse em criar uma marca de cosméticos no futuro e seguir carreira como drag por bastante tempo ainda, é uma arte que me preenche como artista, me dá liberdade para fazer muitas coisas que eu não faria antes, é realmente uma expressão artística maravilhosa.”	1. Faz show, possui um canal no Youtube e é DJ em festas; 2. Meio de atuação com muita competição entre as artistas, pouco companheirismo; Desvalorização do trabalho pelos produtores das festas - valor de mercado baseado na quantidade de seguidores nas redes sociais; 3. Vê uma possibilidade de empreendimento com a criação de uma marca de cosméticos e, assim, uma carreira como drag queen.
Drag Aurora Bauru - SP	“A arte Drag surgiu na minha vida por curiosidade, mas também como uma válvula de escape pelos estresses familiares, eu queria provocar. O que me inspira num geral são coisas mais conceituais, darks e artísticas, olho bastante para as drags americanas e as paulistanas. Ultimamente me monto mais para me divulgar nas redes sociais (Instagram, Twitter...), exatamente pela dificuldade que é a falta de aceitação pelos contratantes de performers e pela padronização que existe no olhar de pessoas que não conhecem a arte a fundo e acham que drag é uma coisa só, em uma caixinha só e que não é plural. Sim, sou uma empreendedora que luta por espaço num meio onde tudo que é padrão é aplaudido, enquanto o diferente é excluído.”	1. Faz a sua montagem para se divulgar nas redes sociais; 2. Pouca atuação devido à dificuldade dos contratantes aceitarem a sua drag queen – padronização do estilo por pessoas que não compreendem todas as formas da arte. 3. Se considera uma empreendedora que busca uma visibilidade em um mercado que enxerga apenas o padrão.
Drag Lexie Ponta Grossa - PR	“A arte drag entrou em minha vida através do reality show RuPaul’s Drag Race. Foi com ele que tive o contato com a arte drag. Atualmente não me monto mais devido à falta de oportunidade e falta de visibilidade da arte drag em minha cidade. E muito complicado ser uma drag queen, tem um certo custo que infelizmente não vemos retorno. Na maioria das vezes querem nos pagar com consumação. E todos sabemos que consumação não paga maquiagem, nem peruca. A visibilidade drag ainda é muito pequena aqui na cidade. Não me considero uma empreendedora.”	1. Não realiza atividades atualmente; 2. Falta de oportunidades e visibilidade na cidade; Pouco retorno (lucro) comparado aos custos; Pagamento com consumação; 3. Não se considera uma empreendedora por não atuar mais.

Drag Ariel Sorocaba - SP	“A primeira lembrança de drag que eu tenho na minha cabeça é da Léo Aquila batendo cabelo no palco da Luciana Gimenez no Super Pop e meu pai falando que aquilo era uma aberração. Tanto que o meu nome quando comecei a me montar meu nome era Ariel La Freak, que Freak vem de aberração. Mas eu decidi ficar só com Ariel. Minhas influências por onde eu conheci realmente a arte drag foi com Drag Race, com a Lorelay Fox e os vídeos dela, ela é um poço de informação e também pesquisando muito em youtube sobre maquiagem, sobre referências, mas basicamente com RuPaul’s Drag Race e Youtube. Posso dizer que eu já realizei muita coisa como drag, já fui modelo, tanto de foto como passarela, já performei, já fiz festa de aniversário, já fui contratada para maquiar, contratada para ser hostess, para ser performer. Ou seja, tudo o que me chamam para fazer eu tento ir, única coisa que eu não sei muito é ser DJ, mas já quero começar a aprender, por que acho que quanto mais coisas você sabe fazer como drag, mais oportunidade você vai ter, isso infelizmente pois não deveria ser assim. Também gosto de experimentar coisas novas. As maiores dificuldades são a questão de produção, tanto de look, maquiagem, peruca porque a gente sabe que não é nada barato, tudo custa muito caro. E é um investimento que basicamente você não vê retorno, demora para você conseguir ver um retorno, eu até agora mais gastei do que ganhei, mas isso para mim não é um problema inicialmente, porque é o que quero fazer pelo resto da minha vida. Apesar do investimento ser um problema. A falta de oportunidades também é foda, o que mais afeta todas e mais desanima todas, pois você não consegue ver o retorno com facilidade, você não vê oportunidades sempre, ainda mais quando você está começando, tanto pelas casas noturnas, que chamam geralmente as mais conhecidas, as mais famosas. Então as drags que estão começando, num lugar onde não vão ter uma visibilidade, é muito difícil elas crescerem como drags, terem reconhecimento, assim como outros espaços que deveriam se desconstruir para contratarem estas artistas, pois nós podemos fazer de tudo. Por meio da arte drag é possível se reconstruir como pessoa e como artista, novas descobertas sobre mim, minha drag, esse processo de autoconhecimento.”	1. Atuou como modelo (fotografia e passarela), performance, eventos, maquiadora, hostess – além de ter a vontade de aprender a ser uma DJ; 2. Comentários negativos da família quanto a arte drag; Itens para a realização do processo de transformação são caros; Investimento com pouco retorno devido à escassez de trabalho para todas; Início da profissão é difícil devido à baixa procura por novas drags pelas casas noturnas e locais em que a arte drag ainda não é bem-vinda; 3. Não define se é empreendedora ou não.
Amanda Nuddes Maringá-PR	“Drag entrou por causa de RuPaul’s Drag Race. Eu nunca me via fazendo drag e do nada por influência do programa comecei. A aceitação do público só cresceu com o passar dos tempos, mas ao mesmo tempo todo mundo se acha jurado e crítico. Por um lado isso é bom porque sempre queremos elevar nossa arte, por outro lado as pessoas não sabem a dificuldade que é para nós aqui, nossa realidade é comparada com as queens dos EUA que performam por dinheiro, aqui mal temos consumação, quem dirá cachê.”	1. Não identifica a sua atuação; 2. Opinião pública sobre como “deve” ser realizada a arte drag; Comparação com drags estrangeiras que têm mais oportunidades e cachês maiores. 3. Não define se é empreendedora ou não.
Atomic Blondie Bauru - SP	“Bom... eu nunca tinha pensado em ser Drag, eu gostava muito da arte Drag e tudo que envolve. Eu resolvi ter a	1. Realiza a montagem por prazer para comparecer a

	experiência de me montar só por ter sabe? E gostei muito, foi sensacional, então resolvi dar continuidade. Eu tive influência desde novinha com uns amigos da minha mãe e recentemente com meus amigos. A maior dificuldade que eu enfrento é ser mulher e fazer Drag, as pessoas ainda não entendem que é uma arte e tem a ideia de que só o homem pode ser Drag. Eu frequento bastante casas noturnas, mas acho que ainda falta muito reconhecimento principalmente no interior.”	casas noturnas; 2. A ideia de que só homens podem ser drag queens; Falta de reconhecimento no interior para a arte; 3. Não define se é empreendedora ou não.
Larissa Spellman Bauru - SP	Então a arte drag, sempre esteve presente de uma forma meio que oculta, eu via muito no SBT no Silvio Santos o quadro dos transformistas, mas via de uma maneira errada. Quando eu fui pela primeira vez na balada teve um show de drag e aquilo me prendeu de uma maneira, a importância na minha vida foi que ela me tirou de coisas e momentos que eu nem saberia como o Marcos sairia. Fez eu trabalhar minha timidez, descobrir talentos que eu não sabia que eu tinha, e partir disso fui trabalhando. Sendo que quem me influenciou foram as drags locais mesmo e partir delas fui vendo a gama e suas vertentes. A minha drag ela atua em tudo já fiz aniversário, hostess, já fiz como modelo, performance, presença e quero explorar a área do ser DJ. Como a arte drag é algo que se tornou “moda” então quando mais você saber e fazer melhor a parte comédia eu ainda penso em trabalhar a respeito também mas são planos futuros. Dificuldade, acho que é o fato de eu ser respeitado com drag e os trabalhos para manter uma arte que demanda gastos e muitas vezes sem retorno, a questão de você pegar um UBER montado, as pessoas não saber diferencia o que é Drag, travesti e trans, e a questão familiar. Acho que sim, sou empreendedora, porque eu vendo minha arte e tem que ter todo um estudo para saber os meios que vou atingir a maior quantidade de pessoas possível, tem também os valores sabendo o que é justo pelo o que faço porém valorizando sempre o meu trabalho, e eu entender de leis, direitos para elaborar um contrato para a pessoa contratar meus serviços, então acredito que é um empreendedorismo.	1. Atua em eventos, como hostess, performer, modelo e pretende iniciar uma experiência como DJ; 2. Dificuldade em ser reconhecida pelo trabalho artístico; Muito investimento para pouco retorno; Comparação com travestis e transexuais; 3. Se considera empreendedora, pelo fato de sentir a necessidade de vender a sua imagem como drag, precificar sua atuação e ter conhecimentos das leis para redigir contratos de serviços.
Drag Tayllor Bauru - SP	“O primeiro contato que eu tive com drag foi em uma boate em Bauru. Comossomos Club, mais conhecida como "Tina". Me apaixonei de imediato pela arte, achei surreal! Encantador e muito diferente. Participei de um concurso de Drag na mesma boate e ganhei em segundo lugar e foi onde começou minha trajetória. Isso deve fazer uns 15 anos. Mas como todo escorpiano sensato eu mesmo amando a arte nunca coloquei ela em minha vida como prioridade. Nunca ganhei rios de dinheiro e nem mesmo dinheiro que compensasse os gastos que tenho com a minha drag. E sempre foi assim. Admiro as manas que conseguem, mas como tenho outras prioridades, como minha profissão como maquiador, continuo fazendo por amor. Tive muitas referências na época, mas lembro que as mais fortes eram da minha	1. Atua com sua drag queen como um hobby, recebendo algum retorno financeiro em certas ocasiões. Participou de concursos e hoje tem uma carreira como maquiador; 2. Pouco retorno sobre os investimentos feitos; O preconceito para com a arte drag; 3. Não identifica se é empreendedora ou não.

	"mãe Drag" Loshua Fashion. Ela era doida e maravilhosa ao mesmo tempo. Mas devo muito do meu aprendizado a ela. As maiores dificuldades, imagino ser por dinheiro mesmo. Ao se montar e querer transparecer algo bem feito. Independente da estética da sua drag, dá um pouco de trabalho. Gastos e criatividade. Mas sempre damos um jeitinho. Hoje em dia graças a Deus todo mundo aceita drag muito bem. Acho que pela visibilidade que RuPaul trouxe e com nossa diva Pablo Vittar em alta. Existe o preconceito e o pré-conceito com drag. E talvez sempre vai existir. Mas como minha rainha trans Linn da quebrada, diz: "Ser bixa é também resistir" E é o que vamos fazendo todos os dias."	
Drag Plutonna Antares Alfenas - MG	"Eu sempre fui fã de mulheres poderosas, minha infância foi adorando Madonna, e na adolescência Lady Gaga, e eu sempre soube que era um artista, só não sabia qual movimento iria me abraçar. Tive contato com a arte drag na TV em alguns momentos, mas foi só em 2014 ao assistir Rupauls Drag Race que fiquei encantado com a arte, me montei pela primeira vez no terceiro colegial no show de talentos da escola, onde fiz uma performance de dublagem... Mas foi só ao começar o relacionamento com uma Drag Queen me apaixonei mesmo pela coisa, a Drag Queen é Guelika Cyber, uma artista incrível da noite, se monta a 20 anos, ela mudou minha vida, com suas histórias sobre o cenário da arte drag na época do seu auge e reinado no sul de minas (2010-2014)... Guelika me apresentou todas minhas referências de drag."	1. Não define a sua atuação; 2. Não lista dificuldades; 3. Não identifica se é empreendedora ou não.

O quadro 1 torna possível - por meio da análise desta amostra de artistas drag queens – verificar que a realidade apresentada pelas entrevistadas contempla algumas das dificuldades exploradas nos capítulos anteriores, além de algumas informações sobre atuação e visões sobre o tema empreendedorismo.

Cabral e Julião (2019) atribuem a drag queen um portfólio de atuação que podemos comparar com informações das entrevistas. No caso, a artista drag pode atuar, segundo as entrevistadas, como: performer em shows, hostess (recepção de casas noturnas), DJ, maquiadora, modelo (fotografia ou desfile); animação de festas ou até como um hobby. De modo, que estas atividades se relacionam diretamente com a economia criativa, em que a criatividade se torna um recurso que produz uma renda, como foi apresentado anteriormente.

Contudo, na amostra analisada apenas quatro artistas enxergam um potencial de empreendedorismo na sua atuação. Este pode se configurar no modo como elas “vendem” a sua drag queen neste mercado específico, atribuindo a elas um valor. Ou enxergando

um potencial de atuação futura com a drag queen realizando algum projeto como a criação de uma linha de cosméticos. Ou, ainda, configurando como empreendedorismo apenas a atuação em um mercado formal, de modo que, quando a arte drag entra em contato com este, se torna assim empreendedora. Assim, é possível compreender que as artistas em sua maioria não enxergam a sua atuação como empreendedora e quando possuem esta visão ela desconsidera a atuação exclusiva como drag queen ou procura enquadrar a artista como um empresário que necessita vender, produzir contratos e transmitir credibilidade.

A perspectiva de economia criativa, neste caso, não é apresentada pelas entrevistadas que trouxeram para a pesquisa uma perspectiva simplificadora quanto ao empreendedorismo que se assemelha a visão de Dornelas (2003).

O quadro 1 também apresenta algumas dificuldades apresentadas pelas entrevistadas, de modo que foi possível enquadrá-las em duas diretrizes para a nossa análise, baseadas nos tópicos levantados dos relatos e que são apresentadas no quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Diretrizes para o produto - Dificuldades das Drag Queens

Dificuldade da compreensão da arte	Comparação com travestis e transexuais; A ideia de que só homens podem fazer drag; O preconceito para com a arte; A opinião de como a arte deve ser realizada; Comparação com drag queens estrangeiras; Comentários negativos na família; Padronização de um estilo específico de drag.
Dificuldade de profissionalização da arte	Itens para a realização da transformação são caros; Cachês com valores baixos; Desvalorização da arte por parte dos contratantes e do público; Uma parcela das artistas com maior participação nos trabalhos que aparecem – maior valor de mercado; Um mercado em construção em situação precária; Competição entre as artistas pela quantidade de trabalhos; Pouco retorno sobre os investimentos.

Assim, foi possível constatar que há duas perspectivas que servem como ponto de partida para entendermos as dificuldades que a realidade drag queen possui: a dificuldade na compreensão da arte como algo que se difere de sexualidade e gênero, além do fato de que pode ser realizada por qualquer pessoa; e a dificuldade da sua profissionalização que engloba os valores para produção, quantidade de trabalhos para todas as artistas, formalização e possível lucro para que se torne uma atuação profissional. Dificuldades que podem ser amenizadas com um portal criado com base nestas diretrizes e que possibilite uma nova perspectiva sobre a presença das drag queens no meio social, além da associação feita com a vida noturna.

5. O PRODUTO – PORTAL DESAQUENDA

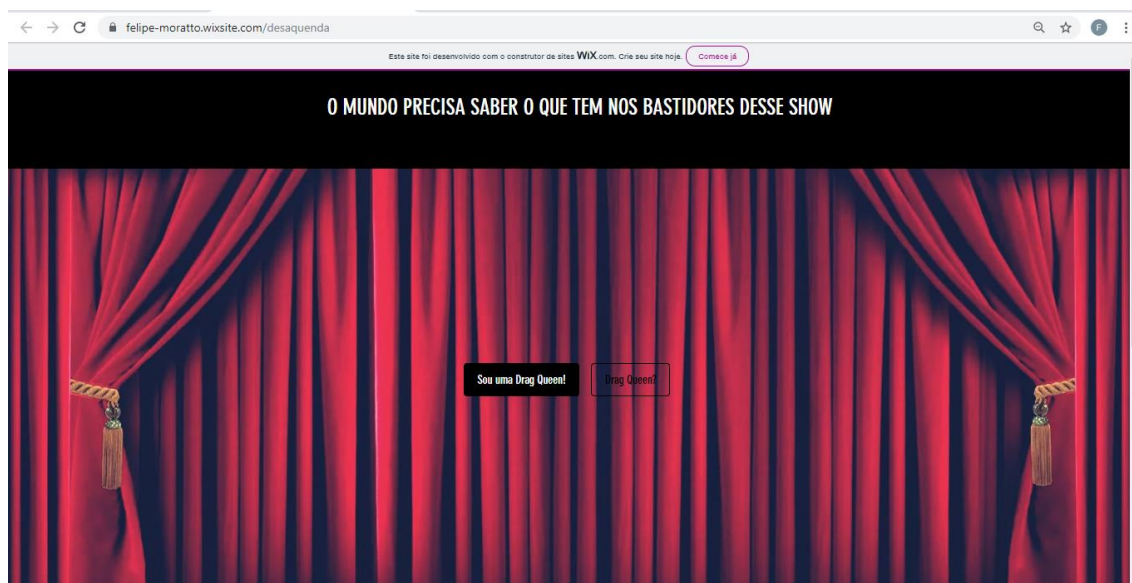
A análise da pesquisa realizada com drag queens do interior de São Paulo e a discussão anterior realizada com base na história, problemática e realidade do movimento artístico drag possibilitou o planejamento de uma proposta de portal online, desenvolvido em formato de teste do layout e de conteúdo.

Link para acessar o portal: <https://felipe-moratto.wixsite.com/desaquenda>

O Desaquenda é um portal com o principal objetivo de desmistificar a arte drag e auxiliar as artistas, de alguma forma, na construção de suas carreiras. O nome se baseia em uma expressão comum na realidade drag que é “aquendar”, o ato de esconder o órgão genital masculino para contribuir na construção da personagem feminina. Desta forma, o ato de “desaquendar”, além de ser um alívio para algumas artistas que são homens, ainda remete a ideia contrária de esconder, que seria o sentido de mostrar, revelar, tornar conhecido aquilo que está nos bastidores da vida drag. O portal é baseado na perspectiva do interior de São Paulo já que seria, no início, aplicado para drag queens dessa localidade com o intuito, também, de mapear as informações estas artistas.

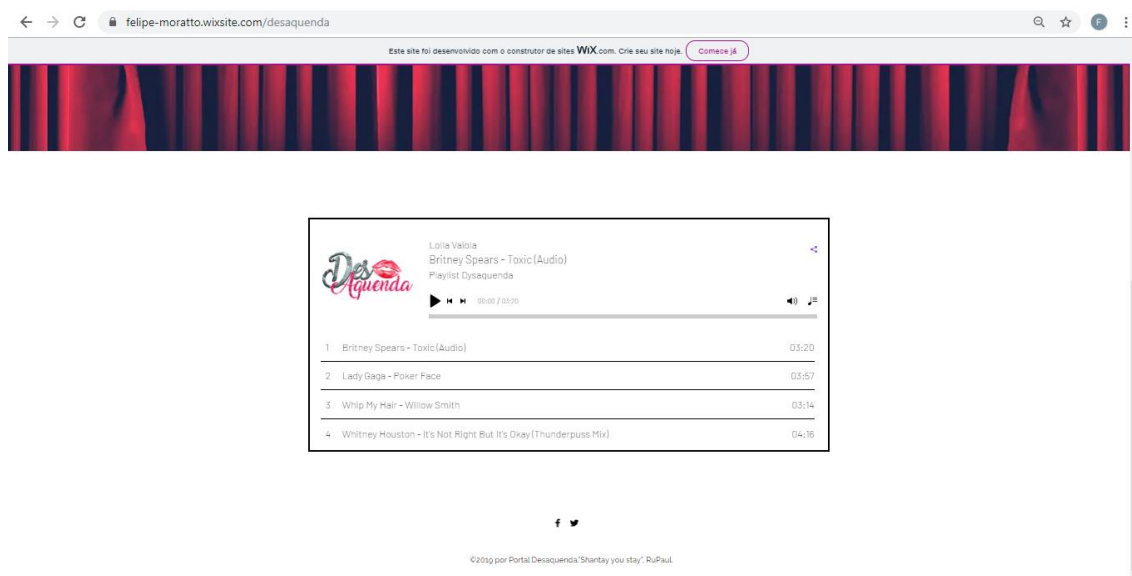
O portal funciona de uma forma diferente, comparada aos blogs e portais jornalísticos da internet, já que na sua página inicial há uma espécie de filtro para o conteúdo (Figura 10) que se divide em duas opções: a primeira, chamada “Sou uma drag queen!”, encaminha o usuário para conteúdos voltados para alguém que já teve contato com a realidade drag e necessita de materiais específicos; a segunda opção, chama “Drag Queen?”, encaminha o usuário para conteúdos explicativos, introdutórios e até mesmo instrutivos sobre o mundo drag queen. Além disso, nesta página se encontra uma playlist com músicas populares em performances de drag queens (Figura 11), como uma ambientação prévia para os conteúdos que serão apresentados.

Figura 10: Opções da página inicial



Fonte: Portal Desaquenda

Figura 11: Playlist do site



Fonte: Portal Desaquenda

Na página “Sou uma drag queen”, o foco é receber as drag queens, mapear a existência delas e possibilitar que auxiliem na produção de conteúdo. Se inicia com a apresentação da logo do portal (Figura 12) e da apresentação da proposta, que seria:

O portal foi feito para você artista drag queen! A arte só depende de você e da sua criatividade. Por isso o Desaquenda surgiu para tirar das

profundezas do mundo dos camarins e casas noturnas quem são vocês e o que podem fazer com toda essa montagem. Conte a sua história aqui embaixo e participe do nosso mapeamento de artistas, leia um de nossos artigos do blog sobre a sua profissionalização como artista, aproveite as nossas playlists ou contribua com a sua música favorita! Faça daqui o seu espelho de transformação, que tenha a sua cara. (PORTAL DESAQUENDA, 2019).

Neste momento é interessante deixar claro que a drag queen ao entrar no portal precisa se sentir à vontade para utilizar dos conteúdos e auxiliar na construção de um portal que mostre para a sociedade aquilo que era exclusivo dos camarins das casas noturnas. A logo utiliza das texturas do glitter e do globo de espelho, o primeiro remete a extravagância das drag queens com a maquiagem e o segundo remete a vida noturna/ glamour das casas noturnas. Além da marca de batom que transmite a ideia de feminilidade, levando em conta que as cores rosa, vermelho e prateado foram escolhidas com base na paleta de cores do reality show RuPaul's Drag Race.

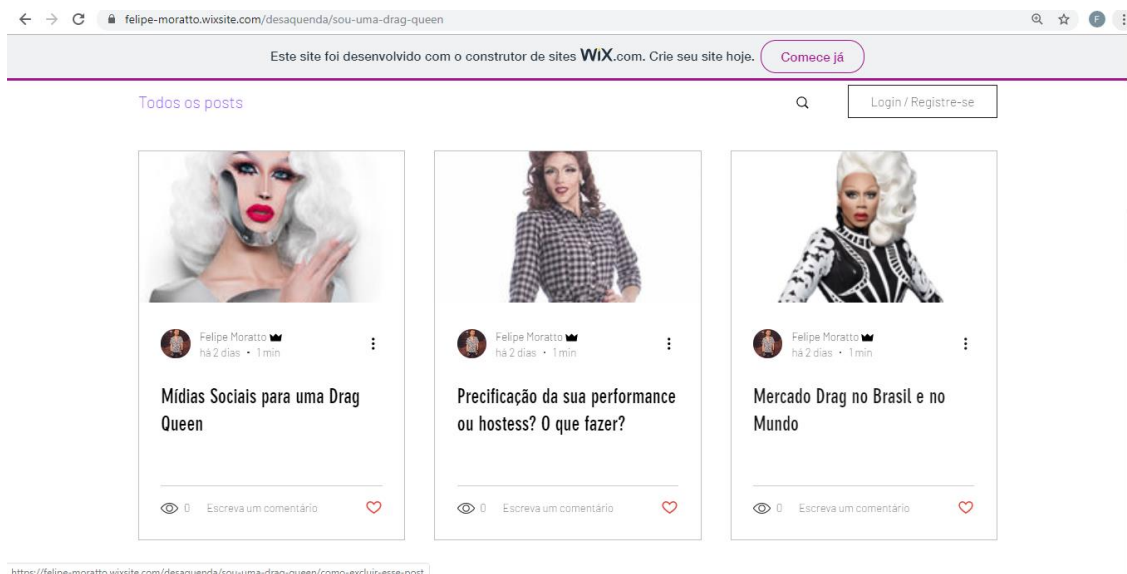
Figura 12: Logo do Portal



Fonte: Portal Desaquenda

Segue para os conteúdos de um blog (Figura 13) desenvolvido com materiais produzidos por drag queens interessadas com assuntos voltados principalmente para a profissionalização da arte e dicas ou técnicas para facilitar a economia criativa de uma drag, como a utilização de mídias sociais, a precificação de seus serviços ou ainda uma compreensão sobre o mercado drag, de modo que este conteúdo seria estimulado para profissionais que possuem destaque nestas questões e que fazem a diferença em suas carreiras. Este material seria captado pelo administrador e atualizado com periodicidade ideal de uma semana por conteúdo para o blog de profissionalização.

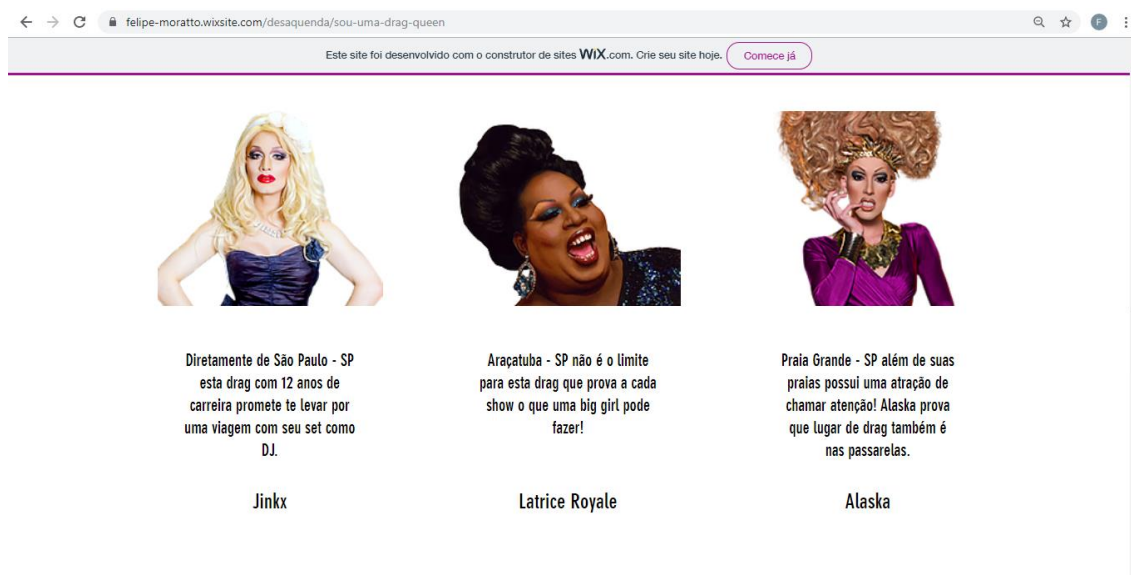
Figura 13: Blog de Profissionalização



Fonte: Portal Desaquenda

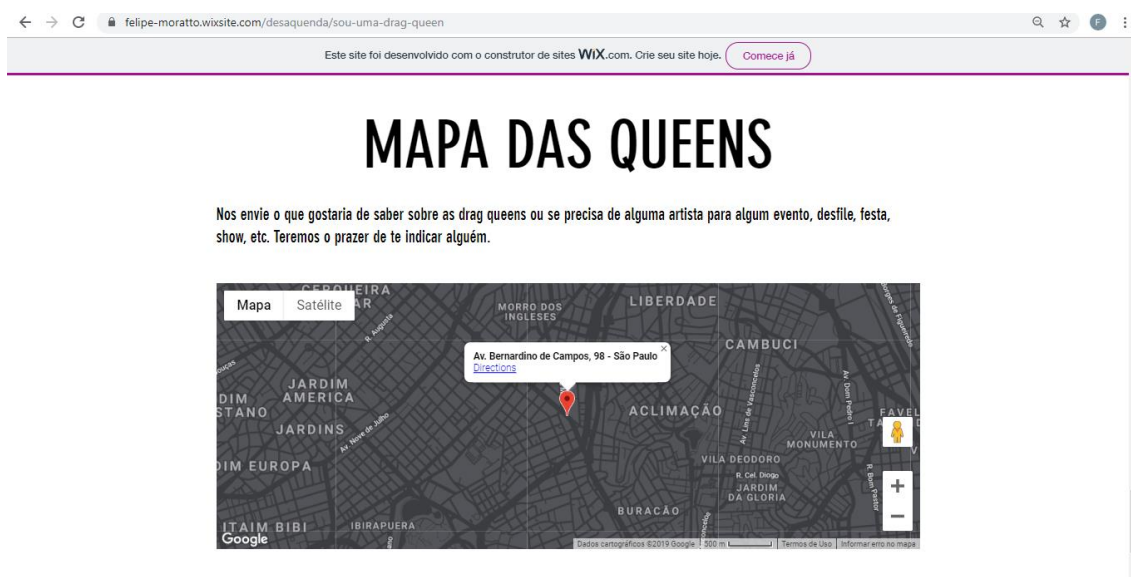
O mapeamento de drag queens funciona por meio de um cadastro (Figura 14) que estas realizam no blog com suas localidades, atividades que realizam, diferenciais, projetos, etc. De modo que é possível se criar um mapa (Figura 15) com todas estas profissionais que será utilizado como uma base de contatos para o segmento do portal voltado para o público externo a realidade. Desta forma, há uma parte da página, chamada “Conheça a família”, que apresenta as drag cadastradas, de modo que podem gerar assim redes de contato que facilitam a atuação como empreendedoras de economia criativa.

Figura 14: Dados das artistas drag



Fonte: Portal Desaquenda

Figura 15: Mapeamento de drags



Fonte: Portal Desaquenda

Além de uma sessão voltada para a economia drag como: dicas de estabelecimento com recursos com preços acessíveis, como realizar balanços financeiros em uma futura profissão como drag queen ou ainda como encontrar recursos de difícil acesso para artistas do interior. Além disso ambas as páginas do portal possuem mais informações ao clicar nos conteúdos e links para as principais redes sociais, nas quais o portal, também terá participação, com o objetivo de coletar conteúdos com novas artistas e divulgar o que produzido com a visão futura de aumentar o portal para todo o território nacional.

A segunda página do portal, chama “Drag Queen?”, encaminha o usuário para uma “viagem” pela realidade drag, a partir de um conjunto de materiais que não apenas apresentem o que é a arte, mas também possibilite um contato com as artistas que são cadastradas no portal pela outra página.

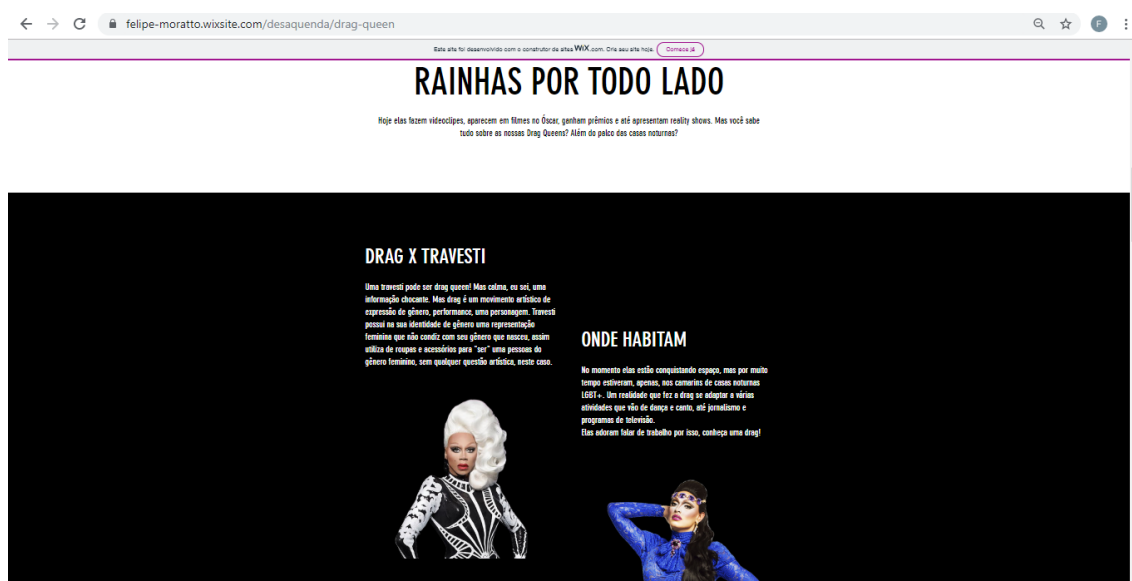
No início da página, após a logo do portal, está uma breve apresentação do que é uma Drag Queen. Com o foco em utilizar pouco texto e possibilitar uma compreensão aproveitável, o texto possui o seguinte conteúdo:

Drag é uma arte que eu, você ou qualquer um pode fazer. Homem ou mulher, branco ou negro, biscoito ou bolacha. O importante é criar uma imagem que represente a sua arte utilizando do seu corpo e da sua visão feminina. Quer saber mais? Veja nosso blog, aprenda um pouco sobre elas, conheça algumas ou ainda entre em contato com aquela drag mais próxima a você, já que elas são DJs, animadoras de festa, modelos, perfomers, cantoras, dançarinas, youtubers, maquiadoras... (PORTAL DESAQUENDA, 2019).

O caráter humorístico e a linguagem facilitada contribuem para que todo o portal, a partir da primeira filtragem, possua um conteúdo que se adeque e torne compreensível de várias perspectivas, o que engloba a atuação de uma drag queen.

A parte “Rainhas por todo lado” (Figura 16) possui fragmentos que respondem os conhecidos “rumores” que envolvem a atividade e que foram trabalhados na construção teórica do projeto. Como por exemplo: a comparação com travestis e transexuais; o fato de ser uma diversão ou profissão; uma possível profissionalização. De modo que este fragmento possibilite a conscientização do usuário quanto a validação da drag como empreendedora criativa.

Figura 16: Rainhas por todo lado



Fonte: Portal Desaquenda

Segue então para conteúdos audiovisuais de drag queens que ganharam destaque no Youtube e um glossário com palavras-chaves para conhecer o “universo drag”. Um fragmento da página que pode ser destacado, já que sua tem um material voltado ao entretenimento e ilustração daquilo que foi apresentado anteriormente, assim criando uma ideia de “trilha de conhecimento” em que a pessoa recebe um conteúdo teórico seguido de vídeos e interações, baseadas no valor do portal de destacar o humor na realidade drag queen.

A última página do site contém um dos conteúdos relacionados com a economia criativa, já que possui um enfoque nos recursos utilizados pelas drag queens. O “Shop Aquê” recebe este nome pois o termo “aquê” no meio drag simboliza o dinheiro e os cachês recebidos pelas artistas em suas atividades. Logo simboliza um local em que elas

podem encontrar produtos que tem origem em quatro vertentes: lojas especializadas em produtos para drag queens como perucas ou sapatos que desejam realizar uma parceria com o portal de modo que para divulgar os itens em nossa loja será solicitada a divulgação do Desaquenda e um desconto especial, levando em conta que o intuito do portal é dar visibilidade e potencializar a economia criativa destas profissionais, assim, estes produtos terão um selo da empresa a qual é fornecido; drag queens que necessitam vender produtos novos ou usados em nosso portal, sendo que a venda será administrada pela própria artista que receberá um manual para publicação de produtos em seu e-mail assim que demonstrar interesse na página “Saiba Mais” - preços, frete, informações, troca, devolução, etc serão todos quesitos de responsabilidade da vendedora; troca de produtos entre drag queens no mesmo formato da loja, porém no espaço do preço estará a opção troca que levará ao contato pessoal da drag queen, para que desta forma seja feita uma proposta de troca por itens de interesse; e a última forma de alimentação do Shop Aqué é o empréstimo ou aluguel de itens que no mesmo formato de loja possuirá uma opção diferente em que é possível para informações do produto e contato para a realização do processo. Desta forma, as compras serão feitas diretamente pelo portal com a notificação direta assim que o produto for solicitado, exceto as trocas e empréstimos que serão realizados externamente, já que necessitam de um contato direto entre os pontos de negociação, de modo que uma possível atualização do portal seria um chat para troca de mensagens que tornaria a comunicação facilitada após um teste de utilização.

A ideia desta loja virtual “alimentada” de várias formas é tornar possível centralizar em uma página a busca destas artistas por produtos mais baratos (já que alguns são utilizados ou possuem desconto, por exemplo) e em contato com outras pessoas da mesma comunidade, o que de um lado colabora com a questão dos valores para os principais recursos de uma drag queens, enquanto por outro lado auxilia na renda de uma outra artista que ao vender um produto, utiliza este lucro com novos produtos e, assim, potencializa a economia do mercado drag queen. Os produtos desta loja também serão publicados nas redes sociais do portal.

Esta página se encerra com o banco de dados das artistas cadastradas de modo que o usuário ao se interessar pelo tema poderá entrar em contato com estas profissionais, contratar serviços ou apenas segui-las nas redes sociais.

Assim, o portal funciona como uma imersão no assunto drag, que trabalha com o aprendizado, seguido da visão realística e finalizado com inserção deste usuário no meio social, da mesma forma que se possibilita uma maior compreensão do que é a atuação

destas profissionais. De modo que o portal foi desenvolvido pela plataforma Wix, com limitações, mas a proposta também foca na visão geral do que seria este portal no qual também seria possível haver: chats, notícias do “universo drag” e cursos online, por exemplo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a análise da realidade atual das drag queens possibilita a compreensão de uma diversidade de atuações e momentos de destaque social para esta arte que surge em um momento histórico-social de desigualdade social e percorre uma “linha do tempo” de adaptação na sociedade para que a expressão artística não deixasse de existir. Assim, as casas noturnas e marginalização foram uma realidade constante para as drag queens por muito tempo, de modo que o processo de deixar este meio para ganhar participação junto da massa e dos meios de comunicação, tornam estas artistas alvo de preconceito e exclusão social, já que por uma perspectiva uma maioria destas artistas possuem orientação sexual ou identidade de gênero pouco respeitadas na sociedade e, por outra, há uma constante comparação com grupos sociais marginalizados que contribui para o baixo nível de compreensão de o que é ser uma drag queen.

A discussão quanto ao empreendedorismo e economia criativa, nos possibilita a visão desta alternativa como um “caminho” para a drag queen ser valorizada como uma profissional, já que, devido as dificuldades com o mercado de trabalho tradicional e as instituições sociais que as excluem dos processos de formação cidadã, estas artistas procuram capacitação para atuar como, podemos chamar, suas próprias relações públicas. Utilizando como recurso a criatividade e atuando em um mercado em construção as drag queens se configuram como empreendedoras de economia criativa que necessitam de visibilidade, compreensão e uma possibilidade de divulgar as suas experiências.

A pesquisa realizada com drag queens possibilitou a visão de duas matrizes das dificuldades enfrentadas pelas profissionais: a primeira se localiza na dificuldade de compreensão da arte pela sociedade e a segunda na dificuldade de profissionalização desta arte. De modo que, o portal Desaquenda é proposto com estas duas diretrizes como base, já que em seu filtro inicial por um lado apresenta para o usuário que não é drag queen, o cenário e a experiência, que possibilita a compreensão das dificuldades e da atuação. E por outro lado, apresenta para as drag queens, possibilidades de profissionalização que se configuram por conhecimentos, troca de experiências e um mapeamento de talentos.

O portal se apresenta junto de outros canais voltados para o tema, porém estes com um caráter jornalístico que não se assemelha a questão social proposta pelo Desaquenda. O diferencial do portal proposto está na sua característica de visão dupla, um “jogo” de

perspectivas, que possibilita a reflexão necessária para se compreender o que é ser drag queen e como podemos alcançar o caráter formal de atuação destas artistas que hoje precisam ser especialistas em todas as funções para conquistar um espaço neste mercado. Além da loja virtual proposta que possibilita um encontro entre estas artistas que ao se colocarem em um papel de negociação (compra e venda) possibilitam um processo de comunicação e troca de experiência que por um lado auxilia na renda de uma artista e por outro colabora para amenizar a problemática de preços altos na compra de recursos necessários.

Assim, este produto pode organizar uma realidade ainda abstrata para a sociedade e torná-la factual para a população que ainda dificulta certos aspectos apresentados pelas entrevistadas da pesquisa.

Do mais seria importante relatar que este trabalho teve como fatores limitantes: à utilização da plataforma Wix para a criação e desenvolvimento do portal Desaquenda, de modo que as ferramentas para edição limitadas tornaram possível apenas a apresentação de uma versão teste com uma preocupação menor em criar uma identidade, mas sim demonstrar as funções do material; a aplicação da pesquisa desestruturada com as drag queens por meio de uma rede social, o que impediu uma visão mais detalhada dos problemas enfrentados pela realidade das drag queens, devido, principalmente, às limitações de localização e horários das artistas; outro fator limitante seria a escassez acadêmica de pesquisas voltadas a realidade das artistas drag, de modo que o referencial bibliográfico se baseou em sua maioria em artigos da internet e nos relatos captados na pesquisa; o fato do autor do trabalho estar inserido no meio social do objeto em questão dificultou a análise da pesquisa para a definição do produto, já que havia um conhecimento pessoal que impedia a seleção daquilo que seria proposto para o grupo.

Mas, a despeito destas limitações esperamos com este trabalho que seja possível dar uma pista sobre o mundo drag queen, suas dificuldades, sua história, suas oportunidades e sua relação direta com a comunicação. As artistas drag, mesmo com certo nível de competição de mercado e escassez de trabalho para todas, agem como uma rede que nos permite a visão do processo que se inicia na criação de uma personagem com identidade, como uma marca, segue então para a sua divulgação e formação de redes de contato (famílias) que potencializam a imagem pública desta artista e a sua reconstrução imagética constante quanto capacitação para atuar diversificadamente, seus conhecimentos quanto a redes sociais, suas questões financeiras, sua relação com públicos. Como uma organização. Porém, com uma imagem social pré-definida que, por

viéses inconscientes, marginaliza a arte, dificulta a sua profissionalização e intensifica as questões de preconceito com outros grupos que também estão na comunidade LGBTQ+. O portal, assim, é uma proposta que pretende criar um formato virtual de interação, conhecimento, autogestão e auxílio para o mundo drag, algo que é importante para as artistas que hoje são obrigadas a realizarem atividades com uma renda baixa, gastos altos com recursos em um cenário sem uma perspectiva de profissionalização.

A minha visão desta proposta, como a drag queen Lolla Vaiola, que durante a semana trabalha em um emprego tradicional como assistente de comunicação, estuda e nos finais de semana atua como drag em uma casa noturna da cidade, com o privilégio de ser residente e ter uma função fixa, com cachê fixo é: estas artistas mostram em sua história que podem fazer de tudo, teatro, dança, arriscarem na vida como DJs, maquiagem, moda. E isso só prova que estamos nos atualizando e evoluindo, mas há algo que nos limita e nos impõe “dar um passo para trás”, seria o preconceito? A dificuldade de valorização por parte da sociedade como profissional? Um governo antidemocrático? Não temos uma certeza, mas podemos dizer que estamos chegando lá e este portal seria um passo inicial para se pensar a drag queen como uma forma de economia criativa que não apenas gera renda, mas influencia no mercado formal e tem muito conhecimento para transmitir. Gestão de mídias, gestão de marca, relações públicas, criação, tendências de mercado, entre muitos assuntos que nós aprendemos a dominar e outros em futuro próximo. Até porque, o futuro é criativo, o futuro é drag.

REFERÊNCIAS

- AMANAJÁS, Igor. **Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas**. Revista Belas Artes, ano, v. 6, 2015.
- BAOLI, Hanna. **Drag Queen lança primeiro projeto drag music a receber incentivo cultural**. Gay1, Distrito Federal, 24 de Novembro de 2016. Disponível em: <<https://gay1.lgbt/2016/11/drag-queen-lanca-primeiro-projeto-drag-music-a-receber-incentivo-cultural.html>>. Acesso em: 15 de Setembro de 2019.
- BENTO, Carlos. **O gênero atuante: a performance de gênero em The passion of new Eve and Goodnight Desdemona (good morning Juliet)**. Em Tese, v. 12, p. 32-37, 2007.
- BOAVA, Diego Luiz Teixeira; MACEDO, Fernanda Maria Felício. **Sentido axiológico do empreendedorismo**. Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, São Paulo, SP, Brasil, v. 33, 2009.
- Business: The Economy The Pink Pound**. Tradução própria. BBC, Reino Unido, 31 de Julho de 1998. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/business/142998.stm>>. Acesso em: 15 de Setembro de 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 236p. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.
- CABRAL, Ailim; JULIÃO, Marina. **A arte Drag Queen encanta e cresce cada vez mais em Brasília**. 2019. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2019/01/28/interna_revista_correio,733642/a-arte-drag-queen-encanta-e-cresce-cada-vez-mais-em-brasilia.shtml>. Acesso em: 07 abr. 2019.
- CAMARGO, Sophia. **Empresa dos EUA avalia mercado gay no Brasil e poder do 'pink real'**. UOL, São Paulo, 01 de Junho de 2013. Economia. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/01/empresa-dos-eua-avalia-mercado-gay-no-brasil-e-poder-do-pink-real.htm>>. Acesso em: 15 de Setembro de 2019.
- CAMPANA, Nathalia Sato. **O ato político por trás da drag queen: desmontando o essencialismo dos gêneros**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2017.
- CASAQUI, Vander. **A inspiração como forma comunicacional do capitalismo “cool”**. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–Intercom, São Paulo. 2016.
- CASAQUI, Vander. **Abordagem crítica da cultura da inspiração: produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora**. In: E-Compós. 2017.
- CASAQUI, Vander. **Esboços e projetos da sociedade empreendedora: mundo conexcionista, sociabilidade e consumo**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, v. 23, n. 3, 2016.

CASQUI, Vander; MATIJEWITSCH, Fernando; FIGUEIREDO, Camila Brandão Simurro. **Empreendedorismo, infância e celebridades: análise dos discursos do empreendedorismo para crianças**. Intexto. 2017.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo : dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas : um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio** / Idalberto Chiavenato. - 2.ed. rev. e atualizada. - São Paulo : Saraiva, 2007.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer**. Estudos de psicologia, v. 9, n. 3, p. 471-478, 2004.

COSTA, Alessandra; SARAIVA, Luiz. **O Consenso, o Exemplo e a Inexorabilidade: Discursos Hegemônicos acerca do Empreendedorismo como Mecanismo de Reprodução do Capital**. EnANPAD, XXXV, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro, 2011.

CRITELLI, Dulce Mara, 1951 - **História pessoal e sentido da vida: historiobiografia/ Dulce Critelli**. - 1ª ed., 3ª reimpr. - São Paulo: EDUC: FAPESP, 2016. 104 p.

DE OLIVEIRA, João Manuel et al. **Pessoas LGBT: Identidades e discriminação. Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero**. 2010.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo corporativo: conceitos e aplicações**. Revista de negócios, v. 9, n. 2, 2007.

DOS SANTOS, Joseylson Fagner; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **Espelho, espelho meu: uma leitura do feminino midiático através do corpo drag**. 2010.

DRAGLICIOUS. Página Inicial. Disponível em: < <https://draglicious.com.br/>>. Acesso em: 25 de Setembro de 2019.

FONSECA, Ana Carla. **Economia criativa—um novo olhar sobre o que faz a diferença**. Ministério da Cultura. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, v. 2014, 2011.

FREITAS, Carolina. **A diferença entre transexual, travesti e transgênero**. Sexo sem dúvida. 2019. Disponível em: <<https://sexosemdubida.com/a-diferenca-entre-transexual-travesti-e-transgenero/>>. Acesso em: 12 de Agosto de 2019.

GARCIA, Marcos Roberto. **Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2008, vol. 11, n. 2, pp. 241-256.

GONÇALVES, Gisela Marques Pereira; CABRAL, Raquel; SALHANI, Jorge. **Violência organizacional: reflexões a partir da perspectiva dos estudos para a paz**. Organicom, n. 28, p. 247-264. 2018.

GUIDINI, Eduardo. **Drag queens faturam até R\$ 500 por hora com shows em casamentos**. G1, Ribeirão e Franca, 15 de Janeiro de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2013/01/drag-queens-faturam-ate-r-500-por-hora-com-shows-em-casamentos.html>>. Acesso em: 15 de Setembro de 2019.

JAYME, J. **Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: montando corpo, pessoa, identidade e gênero.** Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias, p. 13-38, 2010.

JONES, Briana. **Famous Drag Queens Of The Early 20th Century.** All That's Interesting, 2015. Disponível em: <<https://allthatsinteresting.com/famous-drag-queens>>. Acesso em: 25 de Setembro de 2019.

KADOSHI, IKARO. O vôlei de Ikaro. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC2l8Bj6BxaIyIgvQtwMgZZQ>>. Acesso em: 25 de Setembro de 2019.

KRAVITZ, Hanna. **Como é ganhar a vida sendo uma drag queen.** Tradução de Mariana Miyamoto. Vice, 20 de Agosto de 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/ne53qw/quanto-custa-ser-drag-queen>. Acesso em: 15 de Setembro de 2019.

LOURO, G. L. (2001). **Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação.** Revista de Estudos Feministas, 2(9), 541-553.

MARSIAJ, Juan P. Pereira. **Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil.** Cadernos AEL, 2003.

MAZON, Elana. **Vida de Drag: Um tema global.** Diário Gaúcho, 22 de Outubro de 2017. Disponível em: <<http://diariogaúcho.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2017/10/vida-de-drag-queen-um-tema-global-9961199.html>>. Acesso em: 15 de Setembro de 2019.

MIGUEZ, Paulo. **Economia criativa: uma discussão preliminar.** Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA, p. 95-113, 2007.

NUNES, Lauro Victor. **Homofobia: um empreendimento político.** Revista Gestão & Políticas Públicas, v. 4, n. 1, p. 208-2018, 2014.

NUNES, Lauro Victor. **Homofobia: um empreendimento político.** Revista Gestão & Políticas Públicas, v. 4, n. 1, p. 208-2018, 2014.

PARIS IS BURNING. Direção de Jennie Livingston. Nova York: Miramax Films, 1990. (78 min).

PIMENTEL, Evandro. **Empreender é um ato de liberdade e de sujeitos sociais.** 2017. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/empreender-e-um-ato-de-liberdade-e-de-sujeitos-sociais,00b44d4efe960610VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 18 de Julho de 2019.

PIRES, Vladimir Sibylla; ALBAGLI, Sarita. **Estratégias empresariais, dinâmicas informacionais e identidade de marca na economia criativa.** 2009.

PORTAL DESAQUENDA. Disponível em: <<https://felipe-moratto.wixsite.com/desaquenda>>. Acesso em: 10 de Outubro de 2019.

POSE. Direção de Ryan Murphy. EUA: FX, 2018.

REGO, Vânia. **Como ser uma drag queen pode fazer de você um(a) profissional melhor.** 2018. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/drag-therapy>. Acesso em: 06 mai. 2019.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura.** Editora Manole Ltda, 2007.

RETZ, Melanie. **Palestra “Neurociência na comunicação para negócios”.** UNESP, Bauru, São Paulo, 26 de Junho de 2018.

SILVA, Alessandro Soares; BARBOZA, Renato. **Exclusão social e consciência política: luta e militância de transgêneros no ENTLAIDS.** Cadernos CERU, v. 20, n. 1, p. 257-276, 2009.

SILVEIRA LEITE, Elaine da; MAXIMO E MELO, Natália. **Uma nova noção de empresário: a naturalização do "empreendedor".** Revista de Sociologia e Política, v. 16, n. 31, 2008.

TEIXEIRA, Guilherme Lopes; PORÉM, Maria Eugênia. **Travestis e organizações: o papel da comunicação na construção de espaços organizacionais.** Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 13, n. 2, 2019.

VENCATO, Anna Paula et al. **Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina.** 2002.

VENCATO, Anna Paula. **Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação.** Cadernos Pagu, n. 24, p. 227-247, 2005.

VIEIRA, Giovana Leite; BRAGA, Lucas Antônio; MOLINA, Anelise Wesolowski. **A Influência de RuPaul's Drag Race na Percepção das Identidades Drag Queens.** In: I AQUENDA DE COMUNICAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES, 1., 2018, Porto Alegre. Disponível em: <<https://aquenda.files.wordpress.com/2019/04/giovana-leite-vieira.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.